

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE ANTROPOLOGIA

MARIA CAROLINA ARAUJO SANTOS DA SILVA

A CORRENTEZA DAS MEMÓRIAS: A construção da memória pós Companhia de
Tecidos Rio Tinto

RIO TINTO/PB
2024

MARIA CAROLINA ARAUJO SANTOS DA SILVA

A CORRENTEZA DAS MEMÓRIAS: A construção da memória pós Companhia de Tecidos Rio Tinto

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal da Paraíba para obtenção do título
de bacharel em Antropologia.
Professora Dr^a: Ruth Henrique da Silva

RIO TINTO/PB
2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586c Silva, Maria Carolina Araujo Santos da.

A correnteza das memórias : a construção da memória
pós Companhia de Tecidos Rio Tinto / Maria Carolina
Araujo Santos da Silva. - Rio Tinto, 2024.

79 f. : il.

Orientação: Ruth Henrique da Silva.

TCC (Graduação) - UFPB/CCAÉ.

1. Antropologia. 2. Memória. 3. Etnografia. 4.
Patrimônio. I. Silva, Ruth Henrique da. II. Título.

UFPB/CCAÉ

CDU 39

MARIA CAROLINA ARAUJO SANTOS DA SILVA

A CORRENTEZA DAS MEMÓRIAS: A construção da memória pós Companhia de Tecidos Rio Tinto

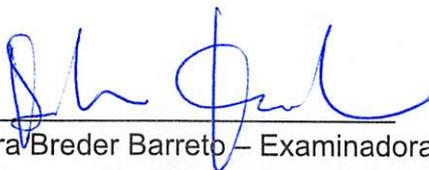
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal da Paraíba para obtenção do título
de bacharel em Antropologia.
Orientadora: Profª Drª: Ruth Henrique da Silva

Aprovado em: 28 de Outubro de 2024

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 RUTH HENRIQUE DA SILVA
Data: 12/12/2024 14:43:40-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profª Drª Ruth Henrique da Silva - Orientadora
Universidade Federal da Paraíba



Prof Dra. Débora Breder Barreto – Examinadora Externa
Universidade Católica de Petrópolis

Documento assinado digitalmente
 ESTEVAO MARTINS PALITOT
Data: 16/12/2024 14:59:13-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profº Drº Estevão Martins Palitot – Examinador interno
Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

Este trabalho explora a construção da memória social em Rio Tinto, cidade do Litoral Norte da Paraíba, cuja trajetória está intrinsecamente ligada à Companhia de Tecidos Rio Tinto, fundada em 1924 pelos filhos de Herman Theodor Lundgren. Essa fábrica têxtil, que produzia algodão e chegou a ser o maior complexo do setor na América do Sul, foi desativada gradualmente entre as décadas de 1960 e 1980. A pesquisa etnográfica investiga como os moradores da cidade, que abriga parte do território indígena Potiguara, lidam com a memória desse passado fabril e como percebem seu declínio. Além disso, o estudo aborda a questão patrimonial e territorial, observando como os vestígios da antiga fábrica se transformaram em novos espaços, como o Campus IV da Universidade Federal da Paraíba, ou permanecem como ruínas integradas à paisagem local. Ao examinar os contextos e marcadores sociais que moldam essas memórias, a pesquisa revela narrativas frequentemente silenciadas que oferecem perspectivas significativas sobre a história recente do Brasil e seu impacto nas vidas e corpos dos moradores de Rio Tinto.

Palavras chave: memória; patrimônio; antropologia; etnografia.

ABSTRACT

This study examines the construction of social memory in Rio Tinto, a town located on the North Coast of Paraíba, whose history is intricately linked to the Companhia de Tecidos Rio Tinto, established in 1924 by the sons of Herman Theodor Lundgren. This textile factory, which specialized in cotton production and became the largest complex of its kind in South America, underwent gradual deactivation between the 1960s and 1980s. The ethnographic research investigates how the town's residents, living on part of the Potiguara indigenous territory, navigate the memory of this industrial past and their perceptions of its decline. Additionally, the study addresses issues of heritage and territory, exploring how the remnants of the former factory have been repurposed into new spaces, such as Campus IV of the Federal University of Paraíba, or have persisted as ruins integrated into the local landscape. By examining the contexts and social markers that shape these memories, the research uncovers frequently silenced narratives that provide meaningful insights into Brazil's recent history and its impact on the lives and experiences of Rio Tinto's inhabitants.

Keywords: memory; heritage; anthropology; ethnography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Braço do Rio Mamanguape, palco do primeiro dia de campo, próximo ao Porto Velho, na aldeia Jaraguá.....	14
Figura 2 - Igreja e estátua de Herman Lundgren na Praça João Pessoa, Rio Tinto - PB.....	36
Figura 3 - Estátua de homem Potiguara na entrada da Vila Regina.....	37
Figura 4 - Visão interna da Igreja presente na Praça João Pessoa.....	38
Figura 5 - Chalés na Rua da Aurora em Rio Tinto/PB, localizada entre o final do Conjunto Eduardo Ferreira e o Centro.....	47
Figura 6 - Antigo forno de cal utilizado pela CTRT.....	50
Figura 7 - Seu Xinin mostrando o forno de pedra calcária em meio à vegetação na aldeia Jaraguá	50
Figura 8 - Ediene mostrando a horta que construiu em seu quintal.....	52
Figura 9 - Moradia construída pela interlocutora para abrigar seus animais.....	52
Figura 10 - Mapa de Rio Tinto/PB.....	54
Figura 11 - Mapa dos bairros de Rio Tinto.....	54
Figura 12 - Tipologias 1 e 2	56
Figura 13 - Tipologias 3 e 4	56
Figura 14 - Tipologias 5 e 6	57
Figura 15 - Tipologias 7 e 8	57
Figura 16 - Distribuição das tipologias na cidade de Rio Tinto.....	58
Figura 17 - Cidade de Rio Tinto vista da Vila Regina	60
Figura 18 - Mapa da teoria das seções em Rio Tinto.....	60

LISTA DE ABREVIATURAS

- **CNPq** - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- **CTRRT** - Companhia de Tecidos Rio Tinto

AGRADECIMENTOS

Por muito tempo planejei esses agradecimentos. Foram anos conhecendo e desconhecendo pessoas, lugares e coisas. Por muito tempo me questioneei a que e quem, finalmente, agradeceria. E agora, no momento de agradecer, provavelmente não cabem todas as pessoas que traçaram importantes passos junto comigo nesses quase nove anos na Paraíba.

O primeiro agradecimento só poderia ser à minha filha, Maria Olívia. Minha Maria. Que tanto vivemos e que tanto mais possamos viver juntas, para sempre. Eu cheguei e você logo veio também: sabíamos que para viver essa aventura, só poderíamos estar juntas. Com essa monografia, quero te dizer o quanto foi importante estar na Universidade. Como mulher, como mãe, como pessoa. Saiba que para nós, mulheres, este segue sendo um lugar de (r)existência. Iniciei a Universidade com você no colo, no final dos dezenove para os vinte, assistindo aulas junto comigo, todos os dias por mais de ano. E termino ela com a certeza de: que bom que foi com você. E, ainda bem que tivemos essa oportunidade. Você deu cor, forma e sentido, desde o dia que soube da sua vinda. Nunca foi uma dúvida, sempre foi certeza. Eu te amo. Te olhar é como recarregar meus sonhos e minha coragem todos os dias.

Meu pai, Luis Claudio. Também vivemos essa aventura juntos, cada um no seu curso e unidos na vida. Obrigada por ser meu pai, todos os dias. Pelo colo, a atenção, a comida gostosa, as músicas na cozinha. Obrigada por ser avô da Maria. Te amo.

Minha mãe, Adriana. Querida mãe. Você é minha grande inspiração. Quase trinta anos e ainda te vejo como a super heroína de quando eu tinha sete. Obrigada por me mostrar a infinitude do mundo e de mim. Eu te amo.

Meu irmão, João Pedro. Você é um presente. Que bom te ver existir e poder compartilhar o mundo com você! Obrigada por tudo. Eu te amo.

Meu companheiro, Benício. Te conhecer no meio desse caminho foi esplêndido. Obrigada pelo apoio e incentivo. Amo como nosso amor me faz voar. Eu te amo!

Aos meus amigos, agradeço os tantos momentos. Sentimentos. Ensinaamentos. Questionamentos. Medos. E por fim, tantos caminhos. Obrigada pela companhia.

Aos meus familiares e ancestrais, em especial às grandes mulheres da minha família, que sempre foram protagonistas — cedo ou tarde — de sua própria história e, indiscutivelmente, da história da nossa família: minha bisavó Regina; minha avó Marta; minha mãe Adriana; minhas tias Ana Paula, Renata, Vanessa e Alessandra; e minhas primas Ana Letícia, Ana Clara, Livia, Karina e Nayara. Cada uma de vocês sustenta a minha vontade e coragem de construir, reconstruir, sonhar e viver. Amo fazer parte dessas várias gerações de mulheres, profissionais, mães e fazedoras de festas e viagens incríveis.

Aos meus queridos companheiros da jornada desta pesquisa, os interlocutores, obrigada por terem feito desta uma grande experiência marcada por bons sentimentos. Meus agradecimentos por todas as trocas.

À minha orientadora, Ruth, obrigada por me enxergar. Passei muito tempo refletindo sobre o que escrever aqui, entre palavras de admiração e agradecimento. Que alegria poder concluir este ciclo ao seu lado e iniciar minha produção acadêmica a partir dessa relação. Obrigada por acreditar em mim e pela motivação constante. Obrigada pelas conversas que se transformam em sessões de terapia junto a uma orientação tão firme e sensível, tão criativa e tão profissional, tão instigante e cuidadosa. Aprender com você foi uma honra!

A todos os meus professores, meus sinceros agradecimentos. Todos contribuíram com minha formação pessoal e profissional. Cada um, em sua maneira, lapidou lugares da minha alma e da minha atuação. Gostaria de exaltá-los e dizer que vocês são minhas grandes inspirações, de fato, grandes estrelas. Foi uma honra poder aprender com vocês.

À mim mesma, agradeço. Por ter sonhado tanto. Por ter vivido cada momento desse processo, por pequeno que fosse, como se fosse o último, ou melhor, o primeiro. Como se cada dia fosse aquele primeiro dia de campo, com as emoções de um primeiro dia de campo. Um dia, semanas antes da defesa desta monografia, escrevi um recado para mim mesma no diário de campo que parece descrever bem este último agradecimento: “Obrigada por continuar. Você é mais do que sonhei ser quando crescesse. Eu tenho certeza que amaria te conhecer há 20 anos atrás. (...) Obrigada por ser corajosa e realizar nossos sonhos. De: minha criança interior. Para: Maria Carolina.”. Agradeço também, então, à essa criança que se manteve viva aqui dentro o suficiente pra me manter viva aqui fora.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 METODOLOGIA.....	22
3 APRESENTAÇÃO DOS INTERLOCUTORES	24
4 “QUANDO ABRIA OS PORTÃO ERA UMA MULTIDÃO QUE PARECIA QUE VINHA DE UMA FESTA...”.....	27
5 “AQUI TEM POTENCIALIDADE.”.....	37
5.1 “Meu pai levava 40, 50 vassoura, de repente ele vendia”.....	41
5.2 “Era muita gente, era muito animado, de tudo tinha...”.....	44
5.3 “Mas... foi embora todo mundo.”.....	45
6. “ANTIGAMENTE NUM TINHA CASA DE TELHA NÃO, SÓ DE PALHA E DE PAU”.....	46
7 “É CLARO, DENTRO DESSAS MEMÓRIAS, TAMBÉM EXISTEM OS EQUÍVOCOS”.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS.....	77

1 INTRODUÇÃO

*De olhos abertos, eu observo o movimento na estrada
E penso na minha trajetória até aqui
Nas inúmeras coisas que meus olhos já viram
E eu me percebo sendo uma grande colecionadora de boas memórias
É claro, dentro dessas memórias, também existem os equívocos
Os deslizos, alguns tombos, precipícios
Mas é impressionante que mesmo com esses declínios
Eu ainda lembro como voar*

Take Your Time e Relaxe - Liniker

Era uma segunda-feira de manhã, treze de junho de 2016, quando eu peguei o avião que me levaria para o outro lado do país. Depois de ter perdido o primeiro, que era às 6h05 da manhã, por sorte, a empresa aérea me encaixou no próximo que era às 9h. Às 12h30, aproximadamente, eu cheguei no estado que me traria uma vida nova: a Paraíba. Peguei dois ônibus ao sair do aeroporto, segurando três malas e incontáveis expectativas, até chegar no centro de João Pessoa, em uma pensão um tanto quanto peculiar, onde eu moraria com outros dois jovens, o proprietário, que era um entusiasta de teorias de conspiração e física quântica, e sua esposa que o acompanhava num ritmo quase sinérgico.

Era um antigo casarão, que hoje já não existe mais, entre o início e o fim da Pedro II, nos arredores da Lagoa, área central da cidade. Tinham muitos quartos, mas apenas três, inicialmente, ocupados. Mais tarde seriam apenas dois. O casarão era assustador, com uma luz amarela baixa e decorado com móveis que estavam ali, claramente, há décadas. Em sua entrada tinha uma pequena varanda, em seguida uma grande sala com uma espécie de penteadeira com um espelho arredondado, os cantos escuros abafados pela luminosidade pálida, se encontravam em um grande corredor com 4 quartos do lado direito e 3 quartos do lado esquerdo, o quarto cômodo era uma pequena cozinha antes da porta dos fundos. Considerando o contexto histórico do local, esse lugar devia existir há pelo menos um século.

Nos fundos do casarão tinha uma estrutura de cimento que parecia estar em processo de demolição e mais atrás tinha a casa do dono e sua esposa, junto com um espaço de lazer, um cômodo aleatório entre o casarão e a casa, com uma mesa, duas geladeiras, uma para bebidas e a outra para comidas; uma pia, uma caixa de som

grande que por vezes alternava entre músicas e frequências sonoras, a partir das demandas psicodélicas do momento. Além disso, nas paredes dançavam desenhos e frases, rabiscos e reflexões, muitas cores e rascunhos de última hora.

Meu quarto tinha uma cama e um balcão feitos de cimento, o último com três divisões, e uma janela que dava para uma escuridão que me fazia questionar a profundidade e a distância entre a parede do quarto e a do corredor externo. Entre a porta de entrada e o móvel de cimento, havia um armário de madeira antigo de duas portas. Ao lado esquerdo da cama, entre ela e a janela, ficavam um ventilador de coluna que também parecia já ter acompanhado outros moradores antes de mim e um pequeno móvel com uma gaveta, onde eu guardava um caderninho de capa preta que comprei em um dos primeiros dias para escrever sobre as novas experiências e sobre o que deixava para trás, e o cigarro barato vermelho e branco que comprava no Mercado Central. A estrutura e os objetos projetavam suas sombras, refletidas pela luz fraca e amarelada que centralizava o teto alto do casarão.

No auge da adolescência, eu tentava argumentar pra mim mesma que tudo era uma aventura, até um gato eu adotei durante uma das primeiras vezes que saí para conhecer a cidade a partir de um convite da colega de quarto, que morava em frente ao meu, para ir à festa de São João de sua família, em Bayeux. Fui sem saber o que esperar, minha referência eram as quermesses de igreja que fazem os paulistas mais felizes no inverno de São Paulo que caminha entre os primeiros 15 graus da escala Celsius. Me lembro de irmos até o centro de João Pessoa para pegar o ônibus até a próxima cidade e de chegar em uma área rural, que emanava um perfume que só é possível sentir nessa época do ano. Cada quintal tinha uma fogueira, senão mais de uma. Cheguei na casa descobrindo milhares de formas de comer milho: era assado, cozido, canjica, mungunzá e provavelmente esse foi o dia que mais comi milho na minha vida. Músicas tocavam em todos os lados e enquanto anoitecia aquele vinte e três de junho, as pessoas iam chegando e lotavam os quintais, o volume da música aumentava e as fogueiras estavam no seu ápice. Me diverti muito e esse foi um dos primeiros momentos em que senti, de fato, que estava em outro lugar do mundo. No dia seguinte trouxe um gato para morar comigo na pensão: Benjamin. Ele era filhote de

uma das gatas da família dessa colega, branco com olhos grandes e azuis quase tão claros quanto às águas da Baía da Traição num dia de verão.

Já na pensão, eram noites muito solitárias, mesmo agora com Benjamin. Os momentos que dividia com Huascar, o dono da casa, me afogavam em reflexões e questionamentos, afinal lembre-se que ele era um entusiasta de teorias da conspiração, vivia sem documentos e passava os dias entre goles e discussões acaloradas sobre as possibilidades do mundo. Logo nos tornamos companheiros nesses diálogos, afinal, sempre tive muitas perguntas também.

Durante os dias e noites eu alternava entre conversar com Huascar e sua esposa e conhecer um pouco mais sobre a cidade, mas as madrugadas eram regadas a análises e debates com as sombras que as luzes amareladas refletiam no quarto. Pouco depois de dez dias, fui morar com a colega do quarto da frente. Aquele quarto quadrado de teto alto tornara-se um abismo de pensamentos, e permanecer ali era como afundar em um silêncio que gritava, além disso, precisava conversar com alguém que eu tinha certeza que era real. E, dentro de todo esse cenário, só essa colega de quarto parecia ser. Esta introdução parece ter saído de um suspense de Zafón, mas foram apenas os meus primeiros trinta e poucos dias na Paraíba.

Após um mês cheio de primeiras vezes misturadas com uma nostalgia que só quem tenta se encontrar em um novo lugar conhece, cheguei em companhia do meu pai¹ em Mamanguape para realizar nossa matrícula na Universidade, eu no curso de Secretariado Executivo Bilíngue e ele em Pedagogia. Me lembro de olhar tudo com estranhamento, eram novos estímulos por toda a parte. Conversamos com muitas pessoas, o que ajudou muito considerando que fomos somente com a cara e a coragem, não tínhamos onde ficar, não conhecíamos ninguém e nem tínhamos muito dinheiro, visto que a maioria dos serviços na cidade só aceitavam pagamento em espécie.

Depois de passarmos o dia inteiro resolvendo assuntos da universidade e conversando com todos que se aproximavam, conhecemos um homem que morava na frente de um dos portões da instituição e tinha um pequeno mercado em sua garagem,

¹ Meu pai, Luis Claudio Kaneda, veio comigo para a Paraíba também para estudar e se formou em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba, em 2021. Vivemos todo esse processo juntos, ainda bem.

na mesma rua onde eu moraria alguns anos depois, que nos abrigou em uma de suas quitinetes até o próximo amanhecer. Tinha mais muriçoca do que oxigênio e eu, no auge dos meus dezoito anos, procurava freneticamente por sinal no celular. A hora do jantar, foi provavelmente um dos primeiros choques culturais. Nós procurávamos por qualquer lugar que entregasse comida, estávamos desde o início da manhã beliscando pequenos lanches e correndo entre alternativos², matrículas e cidades. Nas redondezas não haviam muitas opções desse serviço, mas encontramos um lugar que entregava quentinhas³. Em São Paulo, a base dos pratos é, quase em regra, arroz, feijão, mistura - proteína ou acompanhamento - e salada, então essa foi a nossa referência ao pedir macaxeira com carne. Esperávamos arroz, feijão, carne, macaxeira e salada. Chegou macaxeira com carne. Me lembro de achar, por alguns segundos, que tinha algo errado ali, até perceber que era exatamente o que tínhamos pedido. Jantamos e fomos dormir.

No dia seguinte, seguimos rumo à cidade ao lado. Lembro de me sentir em uma cidade de brinquedo, era como se as ruas fossem encaixadas como legos, prédios com tijolos laranjas que pareciam cenários de novelas e filmes antigos, as casas eram milimetricamente iguais e em seu meio, havia uma praça com uma igreja e uma estátua. Tudo isso soava misterioso. As pessoas viviam em meio a esses espaços como se fizessem parte de um só: tudo estava interligado. Eu havia saído de uma cidade há menos de dez minutos, mas chegara a um mundo diferente.

Fomos morar em uma república na entrada da cidade, em um desses antigos prédios da época fabril, com vários outros estudantes, aguardando o início das aulas, quando descobri que o Campus funcionava também em antigas instalações da fábrica. “Que fabrica?” Você pode estar se perguntando. Eu também me perguntava a mesma coisa. Na frente da república onde morávamos havia uma penitenciária, que durante a pesquisa descobri ter sido inaugurada nos anos 20. A venda de passagens para a capital, João Pessoa, funcionava no antigo mercado da fábrica e esperávamos o ônibus na frente do antigo cinema. E aos poucos fui percebendo que toda a dinâmica da cidade funcionava em volta desse passado, mas sempre que eu questionava aos

² Alternativo é o nome dado para os serviços de transporte em carros que existem na área, que funcionam em sistema de lotação.

³ Quentinha significa marmita ou, como é chamado em São Paulo, marmitex.

moradores sobre esse período, sobre a tal fábrica, percebia o tom da conversa, de repente, nublado. Esse tom nunca mudou, não deixou de ser um assunto sensível, mas aos poucos foram apresentados rostos, enredos e cenários.

Quis contar essa história para retornarmos juntos à primeira vez que eu entrei em Rio Tinto, no dia em que tudo começou. Até hoje, quase nove anos depois, ainda vejo tudo como essa primeira vez, com a mesma inquietação e curiosidade, e até hoje descubro, com uma frequência estonteante, novas histórias e mistérios. Sendo assim, te convido a conhecer um pouco do que eu descobri depois desse dia.

Diferentes figurações acompanharam e atravessaram as últimas décadas em Rio Tinto, impactando direta e indiretamente todos os aspectos sociais e naturais do entorno. A cidade, localizada no Litoral Norte da Paraíba, com uma população de 24.581 pessoas⁴ e a 60 quilômetros da capital João Pessoa, também engloba parte do território indígena Potiguara. Em 1924, nessa cidade, foi fundada a Companhia de Tecidos Rio Tinto, uma fábrica têxtil fundada pelos filhos herdeiros⁵ do sueco naturalizado brasileiro Herman Theodor Lundgren, que também era proprietário da Companhia de Tecidos Paulista, em Pernambuco. A fábrica produzia tecidos de algodão e chegou a ser o maior complexo do setor têxtil na América do Sul. No entanto, a partir da década de 1960, a Companhia entrou em crise e foi gradativamente desativada, até ser fechada definitivamente nos anos 80.

Esse processo afetou profundamente a população de Rio Tinto, que teve que se adaptar a uma nova realidade social e econômica. Muitos trabalhadores ficaram desempregados, outros migraram para outras cidades ou atividades. A paisagem urbana também mudou, com o abandono e a deterioração dos prédios da fábrica e adaptação das moradias. Diante desse cenário, surge a questão: como as pessoas que viveram em Rio Tinto durante o período da Companhia de Tecidos Rio Tinto constroem suas memórias sobre essa experiência? Como elas se relacionam com o passado e o presente da cidade? Quais são os sentidos e os significados atribuídos à Companhia e ao seu legado?

⁴ Segundo o último Censo de 2022 e reportagem realizada pelo G1, houve um aumento de 5,2 habitantes na cidade em comparação com o Censo de 2010. <[População de Rio Tinto \(PB\) é de 24.581 pessoas, aponta o Censo do IBGE | Paraíba | G1 \(globo.com\)](#)>

⁵ Seus filhos são Frederico Lundgren e Arthur Lundgren.

A partir da perspectiva antropológica observo nuances entre as memórias e como as gerações durante e pós Companhia de Tecidos Rio Tinto dialogam estas entre si, juntamente com a análise de contexto a fim de compreender os elementos que podem ter interferido nesse processo temporal, uma vez que a cidade lidou com - e construiu - diversas conjunturas. Atento à importância de compreender os aspectos em torno do objeto a fim de observar como se constroem as memórias no momento atual daqueles que presenciaram essas movimentações na cidade e de seus descendentes, uma vez que são percebidos diversos resquícios dos impactos sociais, econômicos, políticos e étnicos devido aos contextos geográfico, histórico e cultural às quais as últimas conjunturas foram expostas.

Analisar as mudanças de paisagem política e social sobre essas memórias é de interessante contribuição à ciência, uma vez que proporciona importantes perspectivas acerca de fatos relevantes do Brasil do último século, possibilitando compreender os lados silenciados pela história. O espaço foi escolhido também devido à proximidade, uma vez que estudo na universidade⁶ que existe na cidade e resido na região há um tempo considerável, o que me coloca em uma posição interessante que faz parte do processo de muitos pesquisadores, já que existe uma familiaridade devido à uma convivência social e existe uma relação pesquisador-pesquisado, onde estão os limites do distanciamento?

Sobre o receptor, o personagem principal na trajetória dessa pesquisa e que possibilitou que fosse realizada: os interlocutores. Entendo que, ao propor essa pesquisa, a troca deva ser uma verdade, então penso que a importância é poder utilizar a universidade como a ferramenta que deve ser para a sociedade e para contar suas histórias e de seus ancestrais. A necessidade de uma linguagem sensorial e uma etnografia que se desenvolve a partir deste conceito se demonstra na diversidade de elementos que permeiam esse campo, aspectos que atingem os sentidos e as sensações de diversas formas: paisagens, cheiros, sons, toques humanos e não humanos. Sendo assim, capturar essas informações a partir de diversos mecanismos se coloca como indispensável para uma efetiva experiência de escuta e sentir.

⁶ Universidade Federal da Paraíba, Campus IV - Rio Tinto.

Durante a mesa redonda 62 intitulada “Processos de territorialização: resistir, retomar, “recuperar” e “liberar” corpos, terras e territórios”, na XIV Reunião de Antropologia do Mercosul de 2023, que aconteceu na bela Niterói/RJ, foi colocada a apresentação de si - o pesquisador - como elemento chave para uma eficiente pesquisa. Quem sou? Como cheguei aqui? Existe um por quê? Isso me atravessou um tanto ao pensar na minha trajetória até esses escritos, ainda mais considerando que construí uma vida nesse campo: vivi momentos, amores, quedas, casas, lares, chegadas e despedidas. Gostaria de me apresentar também como metodologia, saber de onde o meu olhar parte é importante para entender os caminhos que percorre.

Paulista e paulistana, em 1997 nasci na Vila Mariana, região central da cidade de São Paulo, mas vivi no ABC paulista até os 18 anos, apesar de não ter passado mais de dois ou três anos em uma casa só. Entre onze escolas do fundamental ao médio, até passar para o curso de Secretariado Executivo Bilíngue, na Universidade Federal da Paraíba, chego em 2016 a Rio Tinto, no Litoral Norte paraibano. Após três anos de secretariado executivo enquanto flertava intensamente com a antropologia, também me tornei mãe, e em 2019 fui de encontro ao que era inevitável: entrei no curso de antropologia.

Entre monitoria, bolsista em dois projetos de Iniciação Científica pelo CNPq e o projeto de TCC passei por áreas como sociologia, antropologia da técnica, audiovisual, procedimentos técnicos territoriais, até encontrar a observação da memória como uma forma de interpretar o mundo e, conseqüentemente, ser minha lente para atuar. Todos esses processos aconteceram relacionados a Rio Tinto de alguma forma. Morei em diferentes lugares da cidade, também morei por algum tempo em Mamanguape, município ao lado. Passei por aproximadamente 8 ou 9 residências na região, algumas foram só casas, outras foram lares.

Em relação a chegada ao campo, inconscientemente fazem quase oito anos que estou chegando nele, mas nossa primeira interação consciente foi ao final do PIBIC intitulado “Ecologia doméstica e processos sociotécnicos entre os Tabajara da Paraíba” no qual participei como bolsista por quase dois anos. Era também o momento em que dava os primeiros passos até o tema desta monografia, que tinha naquele instante

como chão a Aldeia Jaraguá⁷, território Potiguara, na Vila Regina em Rio Tinto. Minha residência era algumas ruas para lá, consideravelmente perto. Eu e minha família interagíamos com aquela região de várias formas, desde a utilização de serviços como: mercado, depósitos de bebidas, utilizar o ônibus coletivo da creche que adentrava os microbairros Regina I e Regina II, entre a aldeias Mont-Mor e a caminho da aldeia Jaraguá, para levar minha filha à escola, participar de eventos públicos até, realmente, tê-la como meu lar e construir relações pessoais humanas e não humanas.

Esse caminho de ônibus para a escola foi, curiosamente, se tornando o cenário das minhas ideias durante vários meses. Comecei a perceber diferenças nas dinâmicas das residências, onde era perceptível uma convivência mais próxima e familiar entre os moradores. Todos os dias, às 7 e meia e às 16h20, fazia o mesmo trajeto de aproximadamente 30 minutos juntamente com outros responsáveis, em maioria absoluta, mulheres, que por vezes faziam o caminho juntas ou traziam os filhos umas das outras. As crianças percorriam diferentes casas também e isso me chamava a atenção, às vezes pegavam o ônibus em um local e na saída desciam em outro ou de repente chamavam pessoas aleatórias no ônibus, que também estavam a realizar a mesma atividade, por nomes familiares, como “avó”, “tia”, “prima”.

. Com o passar dos dias, fui observando outros detalhes como o compartilhamento dos quintais, e com olhos que iniciaram a jornada acadêmica sob a luz da antropologia da técnica, comecei a perceber a produção de objetos e ferramentas, como fornos e fogões, bancos para sentar, abrigos para animais, instrumentos para pesca e muitos desses elementos estavam em locais estratégicos entre as casas, para uso coletivo entre os moradores daquele quintal ou daquela área.

Peres (2014) define que

A agricultura Potiguara é um sistema articulado de categorias espaciais e de fatores produtivos fundamentais («mato», «capoeira», «roça», «casa», «quintal», «sítio», «tabuleiro», «arisco», «paul», etc.) para a reprodução do grupo doméstico. O quintal é o terreno ao redor das casas onde são encontrados: plantas medicinais, fruteiras, criações de animais e às vezes lavouras.

Os pensamentos que desembocaram nessa pesquisa começaram a ebulir nesses momentos no ônibus, quando comecei a questionar como tantas mudanças entre lugares próximos na cidade podem ser tão concretas e visíveis e, mais do que

⁷ Segundo Palitot (p. 192, 2018), “a TI Potiguara de Monte-Mór abrange as localidades de Vila Monte-Mór, Jaraguá, Três Rios, Ybykuara, Lagoa Grande e Marcação.”

isso, como se formaram essas organizações espaciais. Além de, aos poucos, conhecer e me relacionar com as pessoas, comecei a conhecer e me relacionar com o tempo, as ruas, a estética das construções, os animais e as outras subjetividades que percorriam esses caminhos.

No meu primeiro dia de campo na aldeia Jaraguá - ainda para outra pesquisa que se tornaria esta - eu já morava no bairro ao lado há dois anos, mas muitas sensações passaram por mim. Este campo foi realizado no dia vinte de Setembro de 2022, com a Dra. Marianna Araujo, antropóloga e pesquisadora e grande inspiração para mim, e Germana, arqueóloga e também pesquisadora. A primeira parada era no final de uma rua que passava todos os dias com o ônibus da creche, mas que nunca tinha ido. Visitamos a casa de Seu Xinin, interlocutor de Marianna, que conversou sobre o passado da cidade junto com sua esposa e guiou o caminho até os resquícios da fábrica, como a linha de trem e o antigo forno de cal⁸. Mais pra frente tinha um rio, o mangue, barcos, restos de fogueira e um cachorro que nos acompanhava. O rio foi o cenário para as histórias. Com a ingenuidade saborosa que se mistura com sentimentos intensos durante um primeiro dia de trabalho de campo, me perdia entre segurar meu diário, ouvi-lo e admirar o que via. Era lindo. Sabia que precisava voltar lá. Depois desse dia, eu e o tema fomos aos poucos construindo nossa relação, que planeja entregar pensamentos - e sentimentos - contributivos na apresentação desta pesquisa.

Figura 1 - Braço do Rio Mamanguape, palco do primeiro dia de campo mencionado no parágrafo anterior, próximo ao Porto Velho, na aldeia Jaraguá.

⁸ O cal era produzido pela Companhia de Tecidos Rio Tinto e, segundo os interlocutores, uma de suas funções era para pintar as casas, além disso, Fernandes (2000) informa que em todas as construções do empreendimento foi utilizado o cal triturado e queimado, como aglomerante.



Fonte: Elaboração própria/2022.

Penso se realmente houve um momento específico onde meu campo deixou de ser pessoal e se transformou em profissional, ou se eles estão em sinergia desde aquele treze de junho de 2016, o dia que cheguei na Paraíba. Por um bom tempo questionei se estava envolvida demais no campo, tensa com as nuances da relação entre estranhar o familiar e o tornar familiar o que é estranho (Velho, 1980). Depois de muitas reflexões, entendi que não é possível controlar as interações e laços que se constroem no campo, nem na vida. A ética se coloca como referência para lidar com o que, no fundo, nos faz antropólogos: as relações. A partir daí, penso que o importante, de fato, é aprender o que devo e o que preciso falar sobre o campo, pois disso se tem controle. Prefiro me basear no afetamento que esses anos todos me trouxeram para que hoje eu pudesse escrever sobre isso, com certeza o encontro desses diferentes papéis contribuem consideravelmente para minhas observações.

Gosto de pensar que os afetos e intimidades que permeiam o campo e que, conseqüentemente, nos atravessa, sejam companhia para os pensamentos e análises.

Por isso escolho considerar que meu campo se construiu enquanto eu me construía, com os percalços e conquistas, as intimidades e os afetos, que não são necessariamente apenas positivos, as tensões e conflitos são parte necessária de uma investigação. Sendo assim, a metodologia do meu trabalho parte do afetamento (FAVRET-SAADA, 2005): do campo, dos interlocutores, dos colegas de profissão, da teoria, que me afetam, se afetam e afetam minha atuação do início - na Maria Carolina criança, curiosa até demais - à Maria Carolina que aqui se torna, de fato, antropóloga.

Sobre minha relação com a memória, ao ouvir o episódio do podcast Antrópolis intitulado “Deslocamentos, temporalidades e narrativas nos jogos da memória” com a prof^a da Universidade Federal de Santa Catarina, Ana Luiza Carvalho da Rocha, fui inspirada pela sua perspectiva acerca do mesmo elemento: como o deslocamento contínuo durante a infância e as múltiplas experiências na sua jornada acadêmica contribuíram com a forma com que ela se relaciona com a memória. Filha de militar, esteve em movimento a maior parte de sua infância, até estabelecer-se em Porto Alegre, onde realizou o Ensino Médio e na graduação aventurou-se por Ciências Sociais, Teatro e Enfermagem, ao mesmo tempo que dividia seus projetos entre essa multidisciplinaridade.

Me identifico ao lembrar minha própria jornada. A antropóloga afirma que sua unidade de percepção e construção de identidade era o tempo. Sua relação com a cidade não era a partir do espaço, mas através da dimensão temporal, pois deslocamento é tempo, considerando os processos de acomodação das experiências. Observar esse relato me tocou pessoalmente quando lembrei que minha associação de experiências sempre foi procurando o ano que ocorreu a partir da escola que eu estava, pois a cada ano eu adentrava um mundo totalmente diferente. Bairros diferentes, cidades diferentes, pessoas diferentes, dinâmicas difusas de mobilidade, sociabilidade, financeiras... Então minha vida pessoal sempre estava atravessando e sendo atravessada por novos elementos, ou por vezes, antigos elementos com novas configurações. Penso que isso também moldou minha percepção de memória, pois ela é acionada a partir de características temporais, como, em qual período eu estava fazendo escoteiro? Durante quais anos fiz ginástica olímpica? Onde estávamos quando

meu irmão nasceu? Todas essas perguntas são guiadas pelo tempo de duração do que acontecia paralelo a essas situações.

Desde muito pequena, no Jardim Luso, periferia entre São Paulo e Diadema, fazendo a pré escola, o deslocamento fazia parte da dinâmica do meu núcleo familiar. Este se dava a partir das conquistas profissionais da minha mãe, que me criava sozinha, pedagoga e funcionária pública da prefeitura de Diadema desde antes de eu nascer. Conforme as condições financeiras se estabilizavam ou desestabilizavam, outros aspectos da nossa vida social se movimentavam também. Eram melhorias relacionadas a elementos de subsistência, como saúde, mobilidade, alimentação e talvez isso possa estar relacionado ao contexto político dos anos 2000. Em relação à moradia, era como se sempre estivéssemos prontos para achar “um lugar melhor”, e assim fomos percorrendo bairros de Diadema até São Bernardo, depois até Santo André. As nossas escolas também ascenderam de acordo com as condições, todo final de ano eu fazia todas as provas de bolsa nas melhores escolas da cidade e a que tivesse melhor qualidade dentro das possibilidades econômicas era a escolhida. As interações e relações eram desenvolvidas durante um tempo específico, geralmente um ano, o tempo que dura o período escolar. Nesse um ano eu vivia espaços, pessoas, posicionamentos, percepções e ao final, havia um deslocamento misturado com os efeitos e rebordos dessas despedidas constantes.

Na adolescência essa dinâmica se manteve, mas já estávamos em Santo André e eu lidava de outra forma, hoje me parece que, com um olhar antropológico. Comecei a me distanciar dos laços e observar as características das pessoas e do lugar, a fim de me situar e de forma curiosa também. Nessa cidade passei mais tempo, mas permaneceu a dinâmica escolar, mudei de escola quatro vezes durante o ensino médio, até me mudar para a Paraíba, onde me aventurei em secretariado executivo, antropologia e pedagogia. Essa movimentação constante me fez reparar na memória como uma ferramenta usada constantemente, já que passado, presente e futuro revezam danças de períodos temporais de curta duração. Relacionar um ontem tão recente e um hoje misturado com ontem, me faz acionar a memória como ferramenta de pertencimento, não a algum lugar porque esse ficou pelo caminho, mas aos que vieram comigo de alguma forma.

2 METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa etnográfica a partir do conceito de Angrosino (2009) que sugere a etnografia como “uma narrativa sobre a comunidade em estudo que evoca a experiência vivida daquela comunidade e que convida o leitor para um vicário encontro com as pessoas”. Portanto, ao considerar que seja necessária a imersão nessa experiência local para fins de captação de dados e compreensão dos significados, uma vez que as narrativas são parte fundamental da proposta, a observação participante será realizada como método principal do trabalho de campo, a partir da definição de que “observação é o ato de perceber as atividades e os inter-relacionamentos das pessoas no cenário de campo através dos cinco sentidos do pesquisador.”. (*Ibidem*, p.56)

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas individuais e grupais com 8 (oito) interlocutores que serão apresentados ao longo da monografia, a partir da perspectiva de Bauer e Gaskell (p. 66, 2002) que sustentam a entrevista como ferramenta capaz de fornecer “os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação”, uma vez que a entrevista se apresenta como uma troca de dispositivos emocionais, temporais, etc.

As narrativas serão observadas com atenção, já que esta pesquisa será um compilado dessas, partindo do pressuposto que “contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal.” (*ibidem*, p. 91) e ainda

implica duas dimensões: a dimensão cronológica, referente a narrativa como uma sequência de episódios, e a não cronológica, que implica a construção de um todo a partir de sucessivos acontecimentos, ou a configuração de um "enredo". O enredo é crucial para a constituição de uma estrutura de narrativa. É através do enredo que as unidades individuais (ou pequenas histórias dentro de uma história maior) adquirem sentido na narrativa. Por isso a narrativa não é apenas uma listagem de acontecimentos, mas uma tentativa de ligá-los, tanto no tempo, como no sentido. (*ibidem*, p. 92)

A história de vida como método também será aplicada à pesquisa em conjunto com a narrativa, como sustenta Gill e Goodson (s.d, p. 215), “a história de vida é uma compilação de experiência vivida de indivíduos ou grupos no passado e no presente” e tem como objetivo “ compreender a interação entre mudança social, vidas e ação entre

indivíduos e grupos. (s.d, p. 216). Considerando que pretende-se observar as perspectivas e percepções do grupo em questão, essas são ferramentas interessantes para desenvolver essa análise.

Lélia Gonzalez (1984) e Ana Clara Damasio (2021) foram grandes inspirações para minha escrita. Lê-las me fez sentir, talvez pela primeira vez, certa identificação com o jeito de contar histórias. De querer contar uma história e dentro delas fazer grandes descobertas. De sentir que é possível só falar, de uma forma que o outro possa só entender.

Compreender a jornada de Rio Tinto a partir de uma só possibilidade me parece impedir uma série de possíveis reações e sensações, uma vez que esta é uma história cheia de mistérios, personagens e reviravoltas. Uma história cheia de caminhos, paisagens e figurações. Portanto, recursos visuais se mostram como personagem importante na jornada deste campo, por este ser colorido, aberto, profundo, os detalhes são infinitos, e a imagem traz a possibilidade de revisitar esses momentos mudos e aparentemente imóveis que dizem e mostram tanto, já que expressam o subentendido e emocionam pelo sentido de realidade. A fotografia me parece uma companhia interessante para essa visita juntamente com meus interlocutores ao século XX e a um passado nem sempre amistoso na cidade fabril no litoral norte paraibano.

Essa pesquisa realmente emergiu como uma correnteza, resultando em um mini documentário, aprovado na Lei Paulo Gustavo de Rio Tinto/2024, chamado “A Correnteza das Memórias”. Este documentário etnográfico apresenta um compilado de histórias sobre a cidade de Rio Tinto e são contadas pelos interlocutores que contribuíram para essa monografia durante as entrevistas que realizamos em abril de 2024. Esse mini documentário surgiu como uma oportunidade em um momento da pesquisa, que todos ou quase todos os pesquisadores conhecem, onde eu questionava se os rumos do processo iam pelo caminho certo. No final de dezembro de 2023, escrevi o projeto procurando visualizar essa pesquisa de forma imagética, já que se fosse aprovado essa seria sua linguagem e confesso que o resultado superou essas projeções. Durante quase um ano, foi construído por muitas mãos, sendo lançado em outubro de 2024 e disponibilizado no YouTube.

A multisensorialidade da antropologia foi utilizada como possibilidade de tornar essa pesquisa uma experiência que pudesse atravessar diferentes emoções e sensações a fim de tornar mais completa a compreensão dos interlocutores, do objeto, do recorte de forma ativa e intensa.

O acervo se torna instrumento indispensável para identificação e análise das informações e dados, uma vez que “é possível utilizar o acervo etnográfico para produzir e comunicar conhecimentos, especialmente quando os pesquisadores se dedicam a contextualizar os objetos existentes no acervo.” (Beltrão, 2003, p. 2), e como introdução e continuidade do processo no campo, enquanto construção de relação entre eu e os interlocutores enquanto nova pesquisadora e antiga vizinha⁹.

Para esta etnografia, foram utilizados o acervo do Laboratório de Antropologia Visual ARANDU, localizado no Campus IV da Universidade Federal da Paraíba, e o acervo de Júnior da Locadora, morador de Mamanguape, entusiasta da preservação das histórias regionais e descendente de figuras importantes do cinema local, também atuou como interlocutor no filme *Imagens e Memórias: O Cinema no Vale do Mamanguape-PB* (Muniz, 2017).

A sugestão é a multisensorialidade como ferramenta metodológica de pesquisa, pensando nos benefícios dessa modalidade que perpassa a inclusão em relação à acessibilidade, o encontro com as diversas formas de apreensão de informações e a possibilidade de interpretações que se dá aos diferentes estímulos provocados pelos sentidos em diálogo com as informações.

3 APRESENTAÇÃO DOS INTERLOCUTORES

Os processos que deram origem a esta pesquisa se estenderam por aproximadamente dois anos. Através de entrevistas semi estruturadas e conversas informais, tive o privilégio de conhecer pessoas que construíram comigo os resultados desse trabalho, mas mais importante que isso, viveram esse processo junto comigo. Essa pesquisa foi regada a dias de conversa, observação, descobertas e também introspecção, ansiedades e questionamentos. Momentos com o outro e momentos

⁹ Me mudei para o litoral norte da Paraíba em 2016, alternando Rio Tinto e Mamanguape como residência. Desde 2020 moro na aldeia Mont-Mor, ao lado da Aldeia Jaraguá.

comigo. Com essas pessoas descobri mais de mim e mais sobre o mundo, construí laços, dividi pessoalidades. Foi um grande prazer poder descobrir, junto a essas pessoas, grandes histórias e mistérios. Um imenso prazer ouvi-las e os dias que passamos juntos tem grande contribuição na minha jornada e este, ao meu ver, parece ser o principal sentido na nossa atuação: construir juntos. Além disso, estes são personagens importantes dessa história, então conhecê-los é importante para não perder o fio da meada.

Seu Xinin, um homem de mais de setenta anos, foi quem nos recebeu no meu primeiro dia de campo, que culminaria nessa pesquisa. Seu Xinin nos levou pelas ruas da aldeia Jaraguá até o rio, contando histórias e causos da Companhia e da vida dos moradores locais. Durante o passeio, ele nos levou para a casa de Ediene e até hoje esta mulher perambula em meus pensamentos. Andar por tua casa me fazia admirar cada coisa que ela construiu: a horta, a casa para os bichos, as armadilhas, os artefatos da casa. Fora as várias funções que se entrelaçavam entre ser mãe, empreendedora, pescadora, dona de casa, administradora das finanças e provavelmente as outras que ela não teve tempo de me contar.

Dona Rosa é uma mulher de cinquenta e poucos anos, de cabelos longos e escuros, sorriso largo e risada vibrante, benzedeira e conhecedora das ervas, com seus cinquenta e poucos anos, morou grande parte da vida em Taberaba, interior de Rio Tinto, hoje é moradora do Conjunto Bonfim. Tem dois filhos e é casada. Dona Rosa me traz uma sensação de nostalgia, além de parecer que já a conhecia antes, essa parte do campo realizado entre 2023 e 2024 começou com visitas a ela, sua filha e seus vizinhos. Entre bolos, cafés e conversas na praça, Dona Rosa foi como um abraço antes da jornada. Começar o processo das entrevistas em sua companhia foi, entre tantas sensações, como estar em casa.

Railane é uma mulher de trinta e poucos anos, de cabelos longos e risada estonteante, que, com grande felicidade, também é minha colega de turma. Filha de Dona Rosa, casada e uma mãe incrível, além de muito esforçada com suas muitas habilidades. Sinto como se ela fosse um tipo de super heroína. Moradora do Conjunto Bonfim, foi também uma ponte para o início do processo das entrevistas, entre caronas antes e depois das aulas e conversas durante o percurso, Railane trouxe o convite para

conhecer sua história e de sua família. Eu já a admirava antes, quando só a via durante as aulas, tão quieta, mas durante e depois de conviver com ela e sua família, penso nela quando busco referências de mulheres, mães, profissionais e também filha.

Dona Madalena é, provavelmente, um dos meus mais antigos laços na Paraíba. Mulher indígena Potiguara, com seus setenta e poucos anos, seus cabelos prateados na altura do queixo, sorriso grande e voz baixa, é uma figura importante no bairro. A frente do Centro Espírita Irmã Sheila, na Vila Regina, acolheu a mim e minha família quando chegamos aqui. Nossas famílias se fundiram em uma grande família. Vivemos reuniões, festas, conversas, momentos difíceis e também felizes. Vi seu neto crescer e o outro nascer. Viu minha filha nascer e crescer. Hoje brincam juntos. Dona Madalena é como se fosse um presente. Vê-la recarrega todos os meus sentimentos bons.

Conhecido como Pintado, Seu Maurício é um homem de setenta e poucos anos, que usa boné, em minhas lembranças, quase sempre de camisa polo listrada e perfume evidente que se espalha. Um grande amigo do meu pai que acabou se tornando meu também, é uma visita quase diária na minha casa em companhia do nosso cafezinho de sempre. Marido de Dona Madalena e morador da Vila Regina, nossas famílias se entrelaçaram com muito carinho. Pai, marido e avô, foi motorista por muitos anos, é um homem de opinião que hoje anda com sua bicicleta pelas ruas de Rio Tinto, cumprimentando todos pelo caminho como um grande conhecedor da cidade e das estradas.

Guia é uma mulher com seus cinquenta e poucos anos, cabelos escuros na altura do ombro, sorriso tímido e olhos pequenos. É uma mulher incrível, além de professora, mãe e esposa. Moradora da Vila Mont-Mor, de vizinha, se tornou minha amiga. Nossos familiares se aproximaram antes de nós, até que os estudos nos uniu. Estudar juntas para nossas respectivas graduações, fez com que uma amizade surgisse e migrasse para conversas na cozinha, risadas e aprendizados. Ter sua participação nesta pesquisa tem muitos significados, desde que a conheço, quero que o mundo a veja e que ela cada vez mais se sinta tão grande como é.

Seu Francisco, com seus setenta e poucos anos, poucos cabelos, aparentemente rígido e de risada fácil, é um grande conhecedor das matas e histórias da cidade. Em minhas lembranças, Seu Francisco chega pela rua com troncos e

ferramentas nas costas além de um conversador de mão cheia. Marido de Guia e pai e morador da aldeia Mont-Mor.

Dona da Luz, uma senhora com seus pouco mais de oitenta anos, de rosto amigável, cabelos brancos, risada meiga e uma trajetória de vida cheia de momentos marcantes. Conhecê-la foi como ouvir uma contação de histórias sobre uma Rio Tinto que poucos viram ou se lembram, além de conhecer mais uma mulher para admirar. Mãe solo toda a vida, cuidou dos filhos, morou e trabalhou até se aposentar na Companhia de Tecidos Rio Tinto, hoje é moradora do Centro e detentora de lembranças e conhecimentos fantásticos.

Carlinhos Pescador, com seus cinquenta e nove anos, é um homem de feições e postura sérias, morador do Conjunto Bonfim, pai de dois filhos, avô e marido. Foi apresentado para mim durante um dia de campo, por sua vizinha de bairro, dona Rosa. Identificado como grande conhecedor das histórias de Rio Tinto, além de enérgico mobilizador de assuntos relacionados a direitos da população e presidente da associação de pescadores da cidade. Nossa interação foi de aprendizado intenso, como estar num filme sobre a cidade.

4 “QUANDO ABRIA OS PORTÃO ERA UMA MULTIDÃO QUE PARECIA QUE VINHA DE UMA FESTA...”

Andar por Rio Tinto é um misto de sensações. Ao mesmo tempo que arquiteturas rústicas e coloniais acompanham todo o trajeto desde o final de Mamanguape até o início do caminho para a Baía da Traição, a presença de uma rica conjuntura social, que mistura influências indígenas e contemporâneas, se revela sobre os vestígios do passado. Casarões, estátuas, resquícios de estruturas, coisas e pessoas, a última, de forma física, em estátuas, mas também subjetiva: os Lundgren permaneciam ali. Nas memórias, no nome da escola na entrada da cidade, nos documentos, na história.

Em Rio Tinto as coisas começam cedo e acabam cedo também. Entre as 6 horas da manhã e as 11 horas é quando tudo acontece, durante o almoço os empreendimentos fecham, depois do almoço, depende. Precisa esperar o sol esfriar,

senão queima o “quengo”¹⁰. Todo mundo se conhece, desde os jovens aos idosos e todos convivem de alguma forma, dentro de relações comerciais, familiares ou sociais, uma vez que os pontos da cidade são comuns a todos.

Retornar aos detalhes desse contexto fabril durante esse exercício de resgate é um tanto quanto interessante ao pensar em quanto tempo faz desde que cheguei a Rio Tinto, mesmo tendo a temática como foco de observação curiosa desde o início, como lidar com a normalização do que, outrora, fora exótico? Lembrar da sensação de ver pela primeira vez os rastros materiais ao andar pelas ruas e ouvir as primeiras histórias sobre os mistérios da Companhia, sobre a dinâmica territorial, cultural e social daquele momento e pensar: como as interações do hoje e do ontem acontecem? Como se relacionam com as memórias? Como as memórias sobre isso se transformam em sentimento agora?

Colocando o século XX em foco, a hierarquia vertical e rigidez com que a fábrica adentrou a cidade no início do século impactou todos os níveis de interação e sociabilidade entre as pessoas e os espaços, da mesma forma que durante e após a desintegração do grupo dominante, houveram mudanças significativas nos mesmos aspectos.

Durante os anos ativos da Companhia de Tecidos Rio Tinto, todos os elementos da dinâmica social eram submissos à hierarquia vertical da fábrica, interferindo na autonomia dos moradores e consequentemente os submetendo à dependência, uma vez que assumiram o poder territorial e das atividades ali executadas. Após o declínio da Companhia, os Potiguara entraram em um processo de retomada da autonomia e redefinição da dinâmica sobre essas atividades, como conta Peres (2014) sobre a autodemarcação do território, a primeira tentativa de delimitação da Terra Indígena Potiguara de Monte-Mor foi rejeitada pelo Ministro da Justiça Renan Calheiros em 1999, que acatou as contestações de grandes proprietários de terras, determinando que a FUNAI realizasse novos estudos, excluindo as áreas particulares contestadas. Em resposta, os Potiguara de Jaraguá realizaram a autodemarcação de sua terra, enquanto os Potiguara de Monte-Mor recorreram ao Ministério Público Federal, que ordenou à FUNAI a condução de novos estudos, sem excluir as áreas reivindicadas

¹⁰ Palavra utilizada para se referir à parte de cima da cabeça.

pelos indígenas. Em janeiro de 2000, o antropólogo Sidnei Clemente Peres foi designado para realizar o levantamento necessário nos municípios envolvidos.

Para compreender as condições atuais deste território e como essas práticas são desenvolvidas, é preciso compreender o histórico da cidade e como seus moradores observam essas mudanças de paisagens sociais.

Conforme mencionado por Farias (2014), no livro de Raul de Góes, os filhos de Herman Lundgren decidiram, após a morte do pai em 1907, dar continuidade ao empreendimento familiar ao construir uma fábrica em Rio Tinto. O objetivo era expandir os negócios da família, que já possuía uma fábrica similar em Paulista, na região metropolitana do Recife, e entregar um projeto grandioso para a cidade. Essa empreitada era considerada arriscada, devido às características ecológicas desfavoráveis da região. Em 1917, Artur Góes foi enviado por Frederico Lundgren, que havia assumido o comando da empresa, para negociar as terras do Engenho da Preguiça com o coronel Alberto César de Albuquerque. As terras foram adquiridas por vinte e três contos de réis (in PANET, A. et al., 2002).

Seu Maurício relembra as vezes que viu Frederico Lundgren pela cidade

Frederico Lundgren, aquele, ainda me lembro ele andando na sala. Eu lembro, quer dizer, eu não trabalhei na fábrica, mas eu lembro quando ele saía todo de linho branco, um moreno forte, mas ele apertava a mão de todo mundo! O Lundgren véi, aí depois que ele morreu ficou Artur Lundgren, que era o irmão dele também, aí quando ele morreu deu um apito tão grande no meio do mundo, passou quase o dia todo funcionando. Aí veio muita gente de Paulista pra aqui, daqui pra Paulista e ficou nesse vai e vem, sabe? (Entrevista cedida em abril de 2024).

Toda essa transação oferecia um bom negócio à família, Rio Tinto oferecia tudo que essa empreitada necessitava: terras com preço baixo, proximidade de matéria prima, facilidade no transporte, controle dos fluxos entre o empreendimento e o exterior e disponibilidade de fontes de energia para o funcionamento da fábrica (Dantas, 2009). Outros elementos também facilitariam a organização da mão de obra, já que Rio Tinto estava posicionado geograficamente a uma distância estratégica das grandes cidades, afastando os trabalhadores de espaços e interações que poderiam colocar em risco o controle dos empregadores, considerando que na fábrica de Paulista se organizava um expressivo movimento operário neste momento e era um receio que acontecesse o mesmo na nova cidade.

Para a construção desse projeto, era necessário investimento. A família Lundgren, depois de tentar empréstimos, conseguiu apoio do capital inglês e alemão, inclusive trazendo empregados europeus para a fábrica,

contribuindo assim, para a difusão de alguns costumes e influências até hoje encontradas, principalmente na sua arquitetura, onde em alguns exemplares, principalmente naquelas de uso coletivo, se observa a influência européia e a utilização de elementos estéticos do Art Decó. (*ibidem*, p. 41)

Dona Madalena conta um pouco sobre essas influências:

Eles tinham a loja da fábrica, que você podia comprar lá o tecido que você quisesse. E os tecidos eram de primeira qualidade, de primeira qualidade. Minha mãe comprou pra fazer o enxoval dela, ela comprou os tecido aqui e ela bordava na mão, que já foi as freiras que vieram catequizar os índio... Que pecado. Catequizar os índios e ensinaram os que mais... mais calmos, né... a bordar. (...) Eles ensinaram a botar mesa... Colocar uma mesa. Desde pequenininha as meninas, pequenininha, a colocar uma mesa, a bordar, a fazer o nome. Mas a letra da minha mãe... o "P" dela era assim ó, de ficar de boca aberta. Minha mãe só sabia ler e fazer o nome dela, mais nada, mas foi eles que ensinaram. Não só a minha mãe mas a muita gente, as pessoas mais antigas que você ver com aquela caligrafia bem desenhada pode ter certeza que foi eles que ensinaram, as freiras ensinavam. Elas ensinavam também a pentear o cabelo, a se sentar, a se comportar, como elas dizia. E aquela história da freira botar o livro na cabeça pra aprender a andar? É verdade. Ah! Rio Tinto, Rio Tinto... (Entrevista cedida em abril de 2024)

Após algum tempo, na década de 30, a Companhia de Tecidos Rio Tinto fechou um acordo de isenção fiscal com o Governo da Paraíba por pelo menos 25 anos (PANET, A. In PANET, A. et al, 2002, p. 26), com as condições de assumir a responsabilidade sobre a população, oferecendo saúde, moradia, educação e o que fosse necessário para a manutenção da vida do operário.

Infelizmente não encontrei documentos que nomeassem o responsável por este acordo, entretanto, os políticos presentes na gestão do Estado nessa época eram João Pessoa, José Américo de Almeida e Argemiro de Figueiredo. Independente de quem segurou a caneta neste ato, todos estes facilitaram um ambiente favorável para o grupo instalar a Companhia de Tecidos na cidade de Rio Tinto.

E assim se inicia um intenso processo de territorialização na região, que aconteceu a partir de uma reorganização social, que implica, conforme Oliveira (1998):

- 1) a criação de uma nova unidade sociocultural mediante o estabelecimento de uma identidade étnica diferenciadora;
- 2) a constituição de mecanismos políticos especializados;
- 3) a redefinição do controle social sobre os recursos ambientais;
- 4) a reelaboração da cultura e da relação com o passado.

A Companhia de Tecidos Rio Tinto começa a construir, então, sua estrutura física e simbólica que culmina na construção da identidade local, como indica PANET, A. et al. (2002)

Os serviços de assentamento da cidade e da fábrica foram iniciados em 1918, constituindo-se em desmatamento, drenagens, aterros em áreas de manguezal e a plantação de dezenas de eucaliptos, responsáveis pela drenagem do solo alagado da região, devida à presença do rio Mamanguape, rio do Gelo e rio Tinto.

O grupo inicia, assim, uma política empresarial de serviços básicos a partir de seus próprios interesses, urbanizando o espaço e criando em seus operários o status social do “ser funcionário”. Partindo do pressuposto de que todos os elementos de sociabilidade da cidade estavam direta ou indiretamente ligados à CTRT, essa identidade não era acionada em horário comercial, mas constantemente. Os serviços oferecidos pela fábrica realizavam a manutenção do cotidiano dos moradores e eram organizados para atender todas as demandas imediatas, os afastando da necessidade de interagir com outras cidades, pois tinham acesso a uma grande variedade de produtos e alimentos, trabalho, saúde, educação, moradia, lazer e religiosidade. Esse foi, provavelmente, o ponto que mais influenciou na percepção dos moradores sobre este período da cidade, afinal, “os funcionários não se sentiam explorados, o importante para eles, não era o salário, mas ser homem de confiança do Coronel” (in PANET, A. et al., p. 11, 2002). Em relação à serviços de saúde, por exemplo, no período da CTRT chegou a funcionar três hospitais, dois da Companhia e um privado¹¹. Hoje em dia, sem nenhum hospital na cidade, é muito comum durante e fora os períodos eleitorais a compra e manutenção de votos por políticos em troca de consultas médicas, medicamentos e cirurgias.

A empresa prosperou de maneira notável até que, na década de 1950, as circunstâncias começaram a mudar. O grupo, que já possuía significativa influência regional, incluindo no campo político, teve Arthur Lundgren assumindo a prefeitura em 1959. No início da década, com a intenção de expansão e modernização, novos teares foram adquiridos, resultando em algumas demissões. Em 1962, com o programa de

¹¹ Este hospital foi de um médico muito famoso na cidade, chamado Doutor Júlio, conhecido por ser uma pessoa empática e amável. Seu Maurício, um dos interlocutores, morador da Vila Regina, foi seu motorista por décadas e relatou, entre outras pessoas, como era importante este hospital na cidade. A mãe de Rúbia, outra interlocutora, foi enfermeira por muito tempo também nesse hospital. Rúbia relata a grande quantidade de pessoas que nasceram nessa maternidade.

reequipamento da indústria têxtil promovido pela SUDENE¹², novas máquinas foram instaladas e galpões reformados, levando à demissão de mais de 3.200 trabalhadores entre 1963 e 1964. No final da década, novas mudanças impulsionadas pelo suporte da SUDENE geraram uma grande desigualdade tecnológica entre os setores, comprometendo a produtividade da empresa, o que contribuiu para seu declínio, conforme apontado por Dantas (2009, p. 44).

Palitot (2018) menciona o Relatório Preliminar de Desenvolvimento Integrado pelo Ministério do Interior de 1972, que destaca que, desde 1960, Rio Tinto apresentou um crescimento demográfico nulo e uma redução significativa dos postos de trabalho na fábrica local, com apenas 1.383 operários. Entre 1950 e 1970, houve um decréscimo de 20,14% da população urbana, enquanto a população rural aumentou em 51,40%, indicando um movimento migratório interno. No entanto, essa expansão rural não foi acompanhada por uma distribuição equitativa das terras, uma vez que 97,3% das propriedades estavam concentradas nas mãos da família Lundgren, que possuía grandes latifúndios. Em termos de uso da terra, a maior parte era destinada à exploração florestal, com uma área significativamente menor dedicada à agricultura e à pecuária. Apesar da emancipação do município em 1956, Rio Tinto ainda permanecia dependente das estruturas econômicas estabelecidas pela Companhia de Tecidos Lundgren.

Sendo assim, em uma continuidade expressiva, uma vez que a fábrica foi inaugurada em 1924, teve seu auge econômico nos anos 50 e 60 e seu declínio absoluto na década de 80, foi desenvolvida a incorporação do grupo local a partir de uma “presença colonial — que instaura uma nova relação da sociedade com o território, deflagrando transformações em múltiplos níveis de sua existência sociocultural.” (Oliveira, 2004, p. 54), em uma nova figuração. Sendo essa a de subalternidade em relação à autonomia territorial, econômica, social, cultural e étnica, uma vez que a Companhia de Rio Tinto tornou-se detentora do poder organizacional, aplicando a territorialização a partir de vários segmentos, como de forma:

¹² A SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) foi uma autarquia federal criada em 1959 com o objetivo de promover o desenvolvimento econômico e social do Nordeste brasileiro, reduzindo as desigualdades regionais. No contexto da indústria têxtil, a SUDENE desempenhou um papel crucial ao oferecer incentivos fiscais e programas de reequipamento, como a modernização das fábricas de tecidos, que impactaram diretamente a estrutura produtiva e a mão de obra do setor.

— política (referida às relações espaço-poder em geral) ou jurídico-política (relativa também a todas as relações espaço-poder institucionalizadas): a mais difundida, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes — mas não exclusivamente — relacionado ao poder político do Estado.

— cultural (muitas vezes culturalista) ou simbólico-cultural: prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido.

— econômica (muitas vezes economicista): menos difundida, enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, o território como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão "territorial" do trabalho, por exemplo. (Haesbaert, 1995 e 1997; Haesbaert e Limonad, 1999 apud. Haesbaert, R. 2004, p. 6)

Dona da Luz conta que o declínio não foi brusco,

Foi aos pouquinhos. Tinha a fábrica aqui embaixo e tinha a da vila. Lá tinha a sala de tecido, aí fechou a primeira, que é onde é aquele clube hoje em dia, o clube que tem na vila, o ginásio, num tem o ginásio lá? Que o povo fala tanto que aquele ginásio tá acabado, num sei. Ali era uma sala de tecelagem, aí tinha mais 4. Era A, B, C, D e E. Aquela que ficava lá onde é o clube, é a E, foi a primeira que fechou. Aí foi mudando a gente pras outras, aí depois foi trazendo pra cá, pra aqui pra baixo. Aí foi fechando de uma em uma, de uma em uma, até que fechou tudo. Aí viemos trabalhar aqui embaixo. (...) Foi fechando, fechando, fechando, a última que fechou foi onde, quando eu me aposentei ainda tava funcionando, aí depois fechou. (Entrevista cedida em abril de 2024).

E conta, ainda, como foi este processo para a cidade e seus moradores:

Mudou porque muita gente foi embora, que num tinha emprego, num tinha como viver. Ficou somente o povo que era aposentado, quem trabalhava na prefeitura, e em outros setor, ficaram né, mas muita gente foi embora para o Rio, pra São Paulo... Porque essa fábrica tinha 12 mil operário, 12 mil operário, quando abria os portão era uma multidão que parecia que vinha de uma festa, uma festa bem evoluída, mas... foi embora todo mundo. Não tinha emprego, não tinha nada. Aí depois foi aparecendo as usina, empregou muita gente, tem muita gente empregada nas usina. O povo que trabalha na prefeitura, que trabalha pelo estado, na repartição do estado. Mas, foi uma situação de penúria naquela época, não existia usina, não existia nada. Não existia os colégios, as escolas... (Entrevista cedida em abril de 2024).

Para além, a discriminação espacial é uma das ferramentas utilizadas para dominação de um grupo X a um grupo Y, e essa também foi uma das formas de segregação do grupo local a espaços determinados da cidade, e como enfatiza Raffestin (1993), essas delimitações não são claras ou concretas, mas se parece com uma fronteira invisível que integra o grupo detentor do poder e afasta o grupo dominado. Em Rio Tinto, os espaços eram claramente divididos e isso era perceptível através de diversos elementos, entre estes os espaços de lazer, como os clubes, a organização espacial das construções, das moradias dos operários, o acesso à

serviços e produtos, os cargos na Companhia e todos os outros aspectos do cotidiano dos trabalhadores. Farias (2014), ao comentar o livro de Raul de Góes, destaca que a administração da Companhia de Tecidos Rio Tinto elaborava mecanismos para garantir uma mão de obra eficiente e disciplinada, principalmente através do controle rigoroso do tempo dos operários, o que reforçava a hegemonia política e o controle social na região.

Nesse contexto de segregação e controle, é importante destacar como o grupo étnico Potiguara foi particularmente afetado, gradativamente perdendo a autonomia de seus elementos culturais, sociais, políticos, da gestão dos recursos naturais e de todo o ambiente em que estão há mais de cinco séculos (Cardoso, et.al. 2012). Palitot (2018) argumenta que

O estabelecimento da Companhia Rio Tinto sobre as pertenções¹³ dos índios de Monte-Mór provocou alterações drásticas em sua organização social, submetendo através da violência física e simbólica um grande número de famílias a um novo arranjo territorial e organizacional sob controle direto da fábrica.

Dona Madalena conta que

O desastre foi muito grande. É impagável tudo que eles fizeram. Meu pai se a gente falasse índio, ave, meu pai tinha um ataque cardíaco. Ninguém podia falar em índio não, “cê é doido, falar uma coisa dessa? Eles vem aqui e mata a gente tudinho!” Quer dizer, não foi só meu pai, foi muita gente. Muita gente.

Assistindo o filme “Memórias Retomadas” de João Mendonça¹⁴, professor do curso de Antropologia da UFPB, Cacique Vado faz uma fala primordial para complementar o relato da dona Madalena sobre o impacto da CTRT para o grupo

Isso aqui era tudo aldeia feita de casa de palha e a companhia invadiu e tocou fogo nas nossas casas, as casas dos nossos bisavós, ludibriando o índio, que ia fazer casa pra o índio. E fizeram esses conjuntos aí, isso é uma vila, se chama vila Mont Mor, antiga vila da preguiça, onde era a aldeia. Eles fez essas casas e começaram a empregar os índios, aquele que não queria morrer ficava pra ser empregado da companhia. A terra não é dela, o patrimônio foi dela, porque ela expulsou os índios e fez o patrimônio, agora que a terra é indígena é. E o que vai terminar aqui é guerra porque os índios não vai se entregar.

¹³ Segundo Vieira (*apud*. Palitot, 2018), pertenções são áreas que podem ser herdadas e até mesmo divididas.

¹⁴ João participou de forma muito especial do início da minha pesquisa quando, numa manhã cheia de incertezas em Lagoa de Praia, contei das minhas dificuldades de achar um caminho para seguir nessa pesquisa e em uma conversa muito inspiradora, eu entendi que já estava trilhando um caminho um tanto quanto interessante.

Guia enfatiza ainda em entrevista cedida em abril de 2024, que “a maioria que trabalhava na fábrica, principalmente na fábrica daqui da vila, a maioria tudo era índio, tudo os pais, os descendentes dos avós, bisavós, mas era tudo calado” e seu Francisco finaliza dizendo, na mesma entrevista, que “depois que o dono morreu aí os índio ficou mais forte, quem fugiu pra não morrer foi voltando, hoje já tem muita gente que voltou e se uniu todo mundo, hoje nós temos 32 aldeias”. Após a decadência da Companhia de Tecidos Rio Tinto, começou uma intensa retomada da autonomia Potiguara, que nunca se rendeu ou entregou seu território, sobre as atividades sociais, culturais e econômicas. Entretanto, suas sequelas reverberam até hoje nas narrativas e memórias dos moradores da cidade. Sendo assim, é primordial compreender as repercussões deste processo na construção de memórias sob a perspectiva do grupo étnico e suas redes de parentesco em relação ao cotidiano durante a hierarquia vertical dos Lundgren, durante e após seu enfraquecimento.

Em seu livro “Ilhas da História”, Sahlins analisa a chegada dos europeus ao Havaí e como os sistemas simbólicos sofrem modificações e se revitalizam a partir do processo de contato entre os dois grupos e suas diferentes estruturas de pensamento. Ao relacioná-lo com o contexto da cidade, podemos perceber o impacto da chegada da Companhia de Tecidos em Rio Tinto, no século XX, na organização social dos moradores da região e como esse processo de contato estabeleceu novas estruturas de interação, religiosidade, lazer, etc, considerando que “a cultura é historicamente reproduzida na ação” (Sahlins, 1990).

Dantas (2009) classifica o período após o declínio da Companhia de Tecidos em três momentos, considerando o primeiro entre a década de 1980 e meados de 1990. A transição recente de famílias que tinham o salário fabril como principal fonte de subsistência, seus moradores sendo em sua maioria operários aposentados, a emigração para as grandes cidades foi a solução para os que ainda estavam em condições de trabalhar. O comércio local foi a principal atividade por um considerável tempo, como explica a autora, até que

Outra atividade que surgiu no município foi a agro-industrial, assentada nas terras que os Lundgren venderam depois do colapso de sua indústria. A maioria se destinava as destilarias de álcool, pois a cultura da cana de açúcar era favorecida pelos incentivos do Programa Nacional do Alcool (PROALCOOL), instituído em 1975, como alternativa a

crise energética causada pela alta dos preços do petróleo no mercado externo. (*ibidem*, p. 66, 2009).

As usinas, ao expandirem suas operações, não afetam de maneira igual todos os grupos da região. Os Potiguara, por exemplo, possuem um conhecimento profundo de seu território tradicional e praticam uma agricultura extensiva e itinerante que necessita das terras atualmente controladas por usineiros e fazendeiros. A monocultura da cana-de-açúcar gera impactos ambientais profundos, como a retração e fragmentação de florestas e tabuleiros costeiros, perda de biodiversidade, redução de habitats e empobrecimento dos solos. Esses efeitos ameaçam diretamente a economia familiar dos Potiguara, que depende do uso diversificado dos recursos naturais no Vale do Mamanguape (Peres, 2014).

O segundo momento, de 1996 a 2006, começa com o comércio de subsistência se fortalecendo e a expansão do Mercado Público Santo Agostinho, inaugurado em 1985, agora tomando forma como centro comercial, “concentrando não apenas o comércio horti-fruti granjeiro mas também extensa galeria com lojas de roupas, calçados, utensílios domésticos, etc” (*ibidem*, p. 68, 2009). Este período contou também com um considerável crescimento de empresas, serviços imobiliários e a indústria, que em 2006 empregava “31,41% do total da mão de obra empregada do município” (*ibidem*, p. 71). Ou seja, enquanto o comércio da cidade atinge apenas o potencial de subsistência, a indústria demanda uma abundante mão de obra.

O terceiro momento, segundo a autora, é de 2006 a 2009, quando a dissertação foi realizada. Entretanto, penso que este alcança até os dias de hoje e acho interessante falar das perspectivas da autora sobre quais seriam os próximos capítulos dessa história. Em março de 2006, foi instalado o Campus IV da Universidade Federal da Paraíba na cidade, em antigas instalações da Companhia de Tecidos e este foi o início de um novo momento. Como explica Dantas (p. 74, 2009),

Além das novas oportunidades de formação profissional, a chegada de estudantes e funcionários de várias cidades trouxe consigo a necessidade de implantação de estabelecimentos de alimentação, hospedagem, papelarias, copiadoras, enfim, atividades subsidiárias a essa empreitada educacional.

A autora conta que naquele momento já era possível perceber uma movimentação na cidade para atender essas demandas. Em uma entrevista com um

morador, parecem haver muitas expectativas de uma cidade que entraria em ascensão. Na realidade dos dias de hoje, a cidade mantém a estrutura de comércio de subsistência, mas os serviços imobiliários foram afetados pela Universidade de forma crescente. Com a presença de cerca de 3000 estudantes, o serviço de aluguel imobiliário é intenso o ano inteiro, novas casas e prédios com frequência são reformados ou construídos para atender a essa demanda. Entretanto, grande parte do território ainda pertence ao grupo Lundgren. O público morador também demonstra maior diversidade e maior número de pessoas jovens que passam, em média, entre 4 e 6 anos na cidade e depois migram devido à falta de oportunidades de trabalho. Isso mantém uma rotação de pessoas em Rio Tinto, o que sustenta os serviços imobiliários.

Ao longo dos anos, a cidade vivenciou transformações significativas em suas dinâmicas sociais, econômicas e culturais, passando de uma dependência quase total da fábrica para uma busca por autonomia e redefinição identitária após o declínio da Companhia de Tecidos Rio Tinto. O enfraquecimento da indústria não apenas provocou uma ruptura no tecido econômico, mas também incentivou a cidade a buscar novas formas de autonomia, reinventando suas bases produtivas e simbólicas. Esse processo revela não apenas as mudanças no território, mas também como a memória coletiva é moldada por experiências compartilhadas e transformações históricas.

A redefinição identitária da cidade, portanto, é complexa, pois envolve não apenas adaptação econômica, mas também a ressignificação de memórias coletivas e símbolos culturais que, por décadas, estiveram associados ao complexo têxtil. A trajetória da cidade ilustra como as experiências históricas são reinterpretadas constantemente, evidenciando como as transformações territoriais, políticas e culturais influenciam e são influenciadas pela memória coletiva ao longo do tempo.

5 “AQUI TEM POTENCIALIDADE.”

A Praça João Pessoa têm seu entorno completamente ornamentado de resquícios da época fabril, com uma estátua de Herman Lundgren de costas à - em frente à - Igreja Católica, quem chega à cidade se depara com os fragmentos de um passado nem tão distante, geralmente os moradores que viveram os anos de operação

da Companhia estão na segunda ou terceira próxima geração desde sua decadência. Em relação ao uso desse espaço pela sociedade hoje, durante o dia a praça funciona apenas como ponto de descanso, sem nenhum empreendimento além do Milk Shake pela tarde. Pela noite, com bares, lanchonetes e sorveterias, as pessoas a utilizam como primeira opção, uma vez que existem poucas alternativas além dali e os transportes coletivos (alternativos) funcionam em menor quantidade ao passar das horas e, às vezes, mais caros.

Em relação ao seu entorno, a Igreja Santa Rita de Cássia, localizada exatamente no meio da cidade quando vista da Vila Regina, é um espaço um tanto quanto frequentado pela comunidade, uma vez que a cidade possui uma grande quantidade de praticantes do cristianismo, também é um dos símbolos relacionados aos Lundgren, visto que há uma igreja semelhante no centro de Paulista, Pernambuco, onde era a sede da Companhia de Tecidos.

Símbolos arquitetônicos também demonstram posicionamentos políticos na cidade. Na entrada da Vila Regina, uma estátua de um homem indígena revela significados e pode ser visualizada como a personificação do território. Este elemento físico aparece como uma fronteira invisível entre espaços, pessoas, processos históricos e culturais e memórias. A praça João Pessoa, principal de Rio Tinto, tem no seu centro uma estátua de Herman Lundgren,¹⁵ construída durante o período ativo da fábrica, que permanece no mesmo lugar e desafia interpretações de moradores e visitantes, principalmente por seu posicionamento na praça: na frente (antes) da Igreja. Leite Lopes (*apud. Vale, 2008*) considera os elementos em comum (estátua, igreja, vila operária, fábrica) presentes na cidade de Paulista, Pernambuco, como símbolos da dominação e controle da família sob os espaços de Rio Tinto.

Uma história compartilhada por praticamente todos os interlocutores sobre a tal estátua, conta o declínio da fábrica a partir da sentença rogada por Frei Damião, figura católica que esteve na cidade no período em que a empresa dava seus primeiros sinais do fim e afirmou que devido ao desrespeito de seu posicionamento¹⁶ em relação à

¹⁵ A história da família na cidade se inicia com Herman Lundgren, proprietário da Companhia de Tecidos Paulista, no Pernambuco, seus filhos trazem a empresa para Rio Tinto após seu falecimento.

¹⁶ A estátua está posicionada de costas para a igreja de forma que ao entrar na cidade, seja vista. Entretanto, alguns a vêem em frente à igreja de forma desrespeitosa, como se a fábrica e a família estivessem na frente da igreja, que é a representação de Deus, enquanto outros acreditam que ela não

igreja, a fábrica se acabaria em melão-de-são-caetano. Hoje em dia, a fábrica que existia na Vila Regina está realmente coberta da planta, o que mantém viva a história e instiga opiniões. Mais de trinta anos depois, a história parece demonstrar a tentativa dos moradores de entender o inesperado fim do período ativo da Companhia de Tecidos Rio Tinto.

A partir da perspectiva de Fabre (2009), a presença de um monumento por si só não garante a perpetuação da memória que ele evoca, em vez disso, argumenta que os monumentos são "objetos ventríloquos" que têm vozes e significados variáveis dependendo de quem os observa. Essa perspectiva se relaciona com a ideia dos monumentos da praça João Pessoa e da entrada da Vila, pois se "os indivíduos, ao serem retratados, desempenham papéis sociais" (Picoli, 2012), também podem ser interpretados de diferentes maneiras por diferentes observadores, além de evocar distintas memórias a depender da posição social deste indivíduo de frente aos papéis interpretados por essa representação imagética.

Visto que a estátua da Praça João Pessoa além de ser do patriarca da família Lundgren, está posicionada de forma central à frente da igreja principal da cidade, reflito se isso também demonstra a subjetividade com que a hierarquia da família sobre a cidade era imposta, partindo de princípios próximos ao de Pestana (2013) quando observa a escultura de Brás Cubas posicionada de forma similar em Santos/SP e afirma que "a centralidade na localização da obra remete a uma preocupação com a memória do fundador da cidade".

Já ao observar a estátua presente na Vila, considerando as especificidades do espaço físico em que está localizada, a presença da figura de um homem indígena Potiguara no meio das duas avenidas que cortam toda a parte central da Vila parece ser um elemento que representa a identidade dos moradores desse espaço e que, em perspectiva da memória, reafirma o que foi calado anteriormente, pois como afirma Pestana (2013), "é nítido que a relação da comunidade com seu bem cultural de fundação original é diferente de um outro bem de memória construído pelo Estado" (ibidem, p. 176, 2013) ou, como no caso, pela Companhia de Tecidos Rio Tinto e

está posicionada exatamente à sua frente, mas ao lado esquerdo, para que ao entrar na cidade fossem vistas uma ao lado da outra.

sustenta ainda que “entre o visto e o estabelecido na cidade, existe um dilema, o de preservar uma memória oficial.” (*ibidem*, p. 171, 2013).

Figura 2 - Igreja e estátua de Herman Lundgren na Praça João Pessoa, Rio Tinto - PB



Fonte: Elaboração própria/2023.

Figura 3 - Estátua de homem Potiguara na entrada da Vila Regina.



Fonte: Elaboração própria/2024.

Figura 4 - Visão interna da Igreja presente na Praça João Pessoa.



Fonte: Elaboração própria/2023.

Para os dias, entre as funções cotidianas de trabalho e escola, que muitas vezes também interagem com os espaços mencionados, a Praça da Vitória - ou, o Burity¹⁷, como é conhecido - é a preferência para a realização de atividades físicas e para lazer no final das tardes, quando o sol está perto de se pôr, por dispor de quadras de esportes e ter uma estrutura adequada para a prática, tem também alguns bares e lanchonetes que funcionam durante a tarde e a noite, mas com menor constância e variedade, exceto nos dias de jogos de futebol onde é perceptível uma maior frequência de consumidores.

5.1 “Meu pai levava 40, 50 vassoura, de repente ele vendia”

A feira funciona, até as quartas, de forma mais tranquila com algumas lojas, lanchonetes, açougues e barracas de frutas e verduras, a noite sendo um ponto de

¹⁷ Burity está no nome da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Luiz Gonzaga Burity, localizada na Praça da Vitória.

encontro de alguns homens de meia idade e idosos que se juntam para assistir a televisão que fica no meio do caminho entre o início e fim da feira. A partir das quintas, os trabalhadores começam a organizar os insumos e materiais, muitos organizam estruturas nas próprias barracas para dormir, com colchões, ventiladores e cortinas improvisadas, até sábado, o dia “oficial”, que inicia no final da madrugada e termina antes do horário de almoço.

É um dia movimentado na cidade, além dos moradores locais, pessoas de outros bairros e municípios também frequentam a feira, como os moradores de Barra de Mamanguape¹⁸ que pegam o ônibus até o Centro de Rio Tinto às quatro e pouco da manhã e voltam no mesmo ônibus às onze, este é o horário de todos os dias da semana. Este é o único transporte coletivo disponível para esse trajeto, então os moradores organizam seus afazeres para este horário. No retorno, às onze, é possível encontrar de quase tudo no ônibus, desde sacos de farinha empilhados, até galões de gasolina e por vezes pequenos animais, como galinhas e cabras. Além de ser uma atividade de manutenção da vida individual e familiar, o fazer compras, também pode ser observado como uma atividade de interação entre vizinhos, amigos e parentes que se encontram em meio a barracas de frutas, verduras, roupas, brinquedos além de bancos, lojas e lanchonetes.

A feira também se apresenta como um dos principais elementos condutores da percepção da transição entre o período ativo da fábrica e seu declínio, uma vez que os interlocutores associam as memórias relacionadas à feira e a atividade de compras neste primeiro momento a um período fértil da cidade, enfatizando com frequência a variedade de produtos e o poder de compra. A falta destes combinada com a diminuição de frequentadores se apresenta como percepção desse momento. As compras funcionavam em formato parecido com o fiado, os trabalhadores da fábrica tinham cadernetas onde as compras eram anotadas durante o mês e seus valores descontados no pagamento do salário. Em todas as entrevistas, a feira foi um dos assuntos que ia e voltava com frequência. Uma das perguntas que foi feita para todos os interlocutores foi: como era a feira? E todos pareciam buscar, entre mente e corpo,

¹⁸ Barra de Mamanguape está localizada a aproximadamente 28 km do centro de Rio Tinto, no Litoral Norte da Paraíba.

no baú de memórias durante os segundos anteriores à resposta. Murmúrios, risadas, olhos que procuravam aos altos, sorrisos de quem retornou à memórias de si e de suas famílias. O “tempo da companhia” aparece como categoria de um momento histórico na linha do tempo da cidade na memória de seus moradores, este é um termo utilizado com frequência para revisitar essas lembranças coletivas como a feira, o cinema, as festas, etc.

Seu Francisco mencionou a quantidade de caminhões de abacaxi que vinham lotados e iam embora vazios. Dona Madalena fala, em entrevista cedida em abril de 2024, sobre o barracão, ou Quarto da Companhia¹⁹, termo que define os espaços que funcionavam como mercados para que os funcionários da fábrica pudessem fazer compras, dizendo que “a feira tinha de tudo. E não era feira, num tinha feira, tinha barracão. Lá onde é o banco do brasil, de um lado pra outro, ali era um barracão. Aí você podia comprar de tudo, todo outro no mundo podia passar fome, menos aqui.”.

Por vezes os relatos misturavam a feira e o barracão, e a explicação para isso é que o barracão já existia antes pois era o espaço da fábrica destinado à venda de produtos para os funcionários desde 1940 (Dantas, 2009). A atual feira, chamada oficialmente de Mercado Público Santo Agostinho, foi inaugurada em 1985, então a troca entre os termos é devido ao fato de sempre ter tido um espaço destinado para essas atividades, com mudanças na logística e administração da demanda e oferta de acordo com os períodos da cidade.

Dona Rosa falou sobre as vassouras de japecanga²⁰ que fazia com seu pai, ele fazia vassouras grandes e ela, pequenas. Iam de Taberaba²¹ até Rio Tinto, por vezes de jegue, outras de canoa quando alagava, para vendê-las na feira. Disse que durante o período ativo da fábrica vendiam todas, já durante e após seu declínio, vendiam poucas.

Era um tempo muito bom assim né? A feira de rio tinto era a todo vapor, era muita gente que largava da fábrica, tinha muita gente trabalhando, eu num sei assim mais ou menos em quantidade né? Mas eu sei que era muita gente. Quando chegava na feira, de repente se acabava tudo, a partir das 8 horas em diante o pessoal só ficava só na

¹⁹ Fernandes citado por Dantas (p. 66, 2009), define o Quarto da Companhia como “aonde o operariado podia se abastecer de diversos tipos de gêneros alimentícios de primeira necessidade, tudo mais em conta do que qualquer outra parte.”.

²⁰ A japecanga (*Smilax brasiliensis*), uma planta trepadeira nativa da América do Sul, é encontrada com frequência em áreas de mata atlântica, como na região de Rio Tinto, PB.

²¹ Taberaba está no interior de Rio Tinto, sentido ao litoral, aproximadamente 6 quilômetros.

espera, o pessoal largava da fábrica, menina, de repente a feira! Era boa demais, pra tudo! Meu pai levava 40, 50 vassoura, de repente ele vendia. Vinha com ele pra feira, toda vez eu vinha com ele pra feira. A gente vinha mais de burro, quando não era de burro era de canoa, montado num burrinho, ele botava eu em cima, era um caçoá de um lado e um caçoá do outro, eu no meio, aqueles caçoá era pra trazer a feira. E quando era mais cheia, era de canoa, não tinha como passar de burro não. (Entrevista cedida em abril de 2024).

Dona da Luz lembrou os tecidos que sua mãe comprava para confeccionar suas roupas, uma memória compartilhada por Dona Madalena, que destacou a contradição de a Companhia produzir tecidos em grande escala, mas ainda assim cobrar dos próprios trabalhadores que os fabricavam. Esse relato evidencia as tensões entre trabalho e consumo na cidade e reforça como a feira de Rio Tinto se configura como um microcosmo das dinâmicas socioeconômicas e culturais locais, funcionando não apenas como um espaço de comércio, mas como uma arena onde vida social e memórias coletivas se entrelaçam, especialmente nas narrativas de seus frequentadores.

5.2 “Era muita gente, era muito animado, de tudo tinha...”

Sobre as festas, Seu Maurício conta que

Era duas brincadeiras que era grande, era Natal e Ano Novo. O Ano novo da entrada do ano novo, aquele apito, quando era meia noite ele apitava. Era meia hora de apito também. Aí apagava as luz todinha, era bonito demais, aquele bueiro tinha, aquela chaminé tinha umas listra de lâmpada até embaixo, ela saía apagando uma por uma assim. (...) Eu sei que tinha umas passagem bonita, Maria, entendesse? Que eu me lembro assim, ainda, que o apito de ano novo, o povo tinha muita gente que até chorar, chorava, né? O povo mais antigo né, ver a passagem de ano, ver um apito daquele, né? Ce sabe né, aquele povo antigo. (...) Aí apagava a luz todinha, era bonito demais, aqueles bueiro tinha, aquelas chaminés tinha umas pista de lâmpada até embaixo, elas saiam apagando uma por uma

E Dona Rosa retorna a memórias em comum, contando que

Final de ano, tinha aquele, aquele, você vê um cano que tem bem grande, de cimento, de cimento não, de tijolo, ali era arrodado de luz, era tão bonito aquilo dali. Quando era final de ano se juntava tudinho, minha avó ia pra igreja assistir a missa e a gente ia com ela, um montão de menina ia com ela, quando chegava lá ela dizia assim: “olhe, agarre todo mundo na barra da minha saia”. (...) Era muita gente, era muito animado, de tudo tinha, cê chegava na festa era bola, essas bexiga né que o pessoal chama bexiga, era bola era carrinho de criança, era tudo muito animado, sabe? A roda gigante era cheia o tempo todo.

Os antigos cinemas também estão entre as memórias coletivas da população, como conta Seu Maurício

Aquele cinema lá (Orion²²)... Aquele cinema era muito grande, aquele cinema ali, ali vinha cantor, cantor de fora, Altemar Dutra cantou por aqui ainda, Luiz Gonzaga naquela época veio cantar aí também, só tinha cantor bom! Era um bang bang danado! Quando era bang bang, aí dava casa cheia. O filme que eu assisti mais aí, que deu casa cheia mais bonito, era um filme assim baseado em amor, né? Que naquele tempo chamava filme de amor, né? Era aquele filme que eu assisti com... Era Dio, como eu te amo. (Entrevista cedida em abril de 2024)

Dona Luz conta sobre um outro cinema que havia antes do Orion,

No Campal tinha um telão bem grande, e a gente tudo em pé que não tinha como sentar que não tinha cadeira pra sentar, ficava em pé até o fim do filme. Depois fizeram o Orion aí melhorou, aí tinha onde a gente sentar, agora, no Campal a gente não pagava nada e no Orion a gente tinha que pagar, né. Comprava o ingresso pra assistir o filme que a gente quisesse. (Entrevista cedida em abril de 2024)

As memórias coletivas das festas e dos cinemas em Rio Tinto revelam mais do que simples celebrações; elas refletem uma dinâmica social profundamente marcada pela organização fabril e pelo controle dos espaços de lazer. As descrições de Seu Maurício e Dona Rosa sobre a virada de ano, com os apitos e as luzes das chaminés, mostram como o simbolismo da fábrica permeava até os momentos festivos, conectando a vida privada dos trabalhadores ao ritmo da produção industrial. Essas festas, embora festivas, reforçavam uma ordem social vinculada ao poder da Companhia sobre o tempo e o espaço. A forma como esses espaços são lembrados revela uma interdependência entre a vida comunitária e a fábrica, onde as memórias coletivas dos moradores estão imbricadas em uma estrutura que, mesmo fora do ambiente de trabalho, continuava a mediar as experiências sociais da população.

5.3 “Mas... foi embora todo mundo.”

Outro elemento relacionado ao período ativo da fábrica é em relação às oportunidades de formação profissional e trabalho, os interlocutores com mais idade associam este a um período mais seguro na cidade já que o acesso à cursos técnicos e emprego era garantido através da dinâmica estabelecida pela CTRT, onde as pessoas iniciavam na fábrica com pouca idade e existiam instituições como

SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) e do SESI (Serviço Social da Indústria), que começaram a funcionar na cidade em 1946 e 1953, respectivamente. Saíam de suas oficinas jovens mecânicos, ferreiros, marceneiros e operários que trabalhavam na manutenção elétrica. (Dantas, p. 64, 2009)

²² Dantas (p. 54, 2009) diz que o antigo Cine Orion foi “construído para diversão dos operários, em estilo germânico, possuía mais de 1.500 assentos e, por muitos anos, ostentou o título de maior cinema da América Latina.”

O período ativo da Companhia foi marcado por um sistema que proporcionava formação profissional e emprego, criando uma rede de segurança e pertencimento. Entretanto, essas oportunidades estavam intrinsecamente ligadas ao poder da Companhia, que, embora oferecesse sustento, também perpetuava uma estrutura de controle sobre o tempo e as relações sociais. Com o fim das atividades da Companhia, o desemprego aumentou exponencialmente nas décadas seguintes, um cenário que foi amenizado de alguma forma pelas usinas e comércios locais. Como observa Palitot (2018), “inúmeras famílias emigraram em busca de trabalho em outras regiões. Quando não foram as famílias inteiras, aqueles membros mais jovens e com ensino profissionalizante buscaram trabalho fora.”

Atualmente, a cidade enfrenta a falta de projetos de formação profissional, esportes ou lazer, além de oferecer poucas opções de carreira para os jovens. Essa escassez de oportunidades não apenas eleva as taxas de desemprego, mas também alimenta a percepção dos interlocutores que associam a criminalidade e o ócio da juventude à ausência de acesso a recursos e atividades que promovam o desenvolvimento pessoal e profissional.

6. “ANTIGAMENTE NUM TINHA CASA DE TELHA NÃO, SÓ DE PALHA E DE PAU”

A rua principal do centro de Rio Tinto perpassa a feira, mercados, igreja, praça, bancos e vários outros estabelecimentos entre lojas de roupas, sapatos e miudezas. Do outro lado do quarteirão há postos de gasolina e uma pousada. No quarteirão ao lado, juntamente com casarões antigos ainda hoje habitados, mas que no passado eram cedidos a integrantes com altos cargos na Companhia, fica o Pronto Atendimento 24 horas, alguns estabelecimentos como lanchonete, farmácia e clínica de exames, a delegacia, o fórum, uma escola de educação primária, o conselho tutelar e uma oficina automotiva que se despedem da continuação da estrada rumo à Salema e Mamanguape.

Nas duas ruas mais antigas que hoje compõem o Conjunto Eduardo Ferreira, existem grandes construções da Companhia que hoje são utilizadas por outras

instituições como o INSS, por exemplo, que outrora fora um Hospital Municipal reformado nos anos 40 e que originalmente foi um posto de saúde inaugurado em 1923 (Dantas, 2009) e o prédio que abrigou o Grupo Escolar Herman Lundgren inaugurado no mesmo ano. Nas outras ruas do Conjunto também é possível encontrar outros resquícios da Companhia como chalés e mansões.

Em Rio Tinto, parecem existir cinco categorias de morada²³: as casas operárias, que eram dos funcionários da fábrica e que hoje estão ocupadas em sua maioria por seus descendentes, que seguem uma arquitetura em comum: pequenas e enfileiradas, presentes em parte do Conjunto Eduardo Ferreira, nas 5 (cinco) Ruas, na Vila Regina e também na parte de baixo do Centro, próximas à entrada principal da antiga fábrica, mais precisamente na Rua Francisco Gerbasi.

A segunda, são casas com estruturas mais modernas e reformadas, maiores e que estão nos mesmos lugares da cidade, no Conjunto Eduardo Ferreira nos arredores da Praça da Vitória, no Conjunto Beira Rio, também no Conjunto Bonfim e na parte de baixo, como nas ruas Assis Chateaubriand e Rua da Oficina.

A terceira está mais especificamente entre essas ruas da parte de baixo do centro, onde há uma pequena comunidade, chamada Senzala, o lugar onde é possível encontrar os aluguéis mais baratos no Centro. Durante as entrevistas, pude entender o porquê considerando que este “bairro” é praticamente no Centro da cidade. Segundo um dos interlocutores, durante um jogo político, foi idealizado o primeiro mercado público na área onde hoje é conhecida como Senzala e então foi construído na mesma estrutura, em pequenos quadrados cercados que funcionam como quiosques, do mercado público que funciona hoje em Rio Tinto. Entretanto, essa é uma área que frequentemente alaga devido à proximidade com o rio Mamanguape e por isso não foi possível manter o funcionamento. Após a interrupção dessas atividades, pessoas começaram a ocupar esses “quiosques”, iniciando um processo de locação desses espaços, e devido ao tamanho destes, o processo político de ocupação e da vulnerabilidade espacial em relação aos alagamentos, esta área se manteve com aluguéis abaixo da média. Carlinhos conta essa história com mais detalhes:

²³ É importante dizer que esses escritos foram realizados entre um período de dois anos, portanto é possível que em alguns momentos pareça que um questionamento foi sanado ou apenas lançado à sorte do descobrir.

A senzala ela era um campo aberto, onde existia um campo chamado acisão, que era imetração de lenha tanto de um lado como do outro. (...) E começou uma briga em Rio Tinto entre dois prefeitos: Augusto Rodrigues e Maranhão. Como essa briga? Por que gerou essa intriga tão ferrenha entre esses dois políticos? Augusto Rodrigues, um supermercado aqui no mercado público, ali na rua que sobe a Vitória. Maranhão, tinha uns amigos (importantes). Maranhão fez um projeto pra fazer um mercado aonde era a senzala, onde é hoje a atual senzala, a imetração de lenha. Teve um arrumadinho com a Companhia e a Companhia tirou a imetração de lenha e botou pro lado de lá. Maranhão arrumou um projeto, BA! Fez um mercado modelo onde hoje é a senzala. Mercado público, e bem feito, vamo ser sincero, né? Muito bem feito. Augusto Rodrigues vai, tomou a prefeitura no ano anterior após o término do mercado público, e virou prefeito de Rio Tinto. Num tem vários quartinho, tudo, parece até um cubículos, né? Não é discriminando não, num tem uns negocinho pequenininho, né? Aquilo ali era os quartinho onde se vendia cachaça, vendia, tinha duma tal da feira da raposa, era macaxeira com carne, com miúdo de galinha e tudo mais. Cada quartinho daquele tinha uma utilidade.(...) Aí deu uma cheia, minha amiga... Deu uma cheia que ele aproveitou e mostrou ao governador da Paraíba que o mercado tinha sido inundado, ó! (...) 94, parece. Foi em 94. Aí meu amigo, inundou tudo! (...) Então, Augusto Rodrigues mandou fazer o projeto, conseguiu a verba, fez um mercado aqui. Lá embaixo, ele deixou pra destruir depois. Aí ele pá, apresentou Marcos Gerbasi, 4 anos se passaram, ele apresentou Marcos Gerbasi e Marcos invés de destruir aquilo, não! E foi o povo entrando nos quartinhos, botando uma porta, outro foi entrando e botando uma porta. Quem era dono já fez um quartinho e alugou, aí foi crescendo, crescendo, crescendo, quando pensa que não, virou tipo um conjunto.(Entrevista concedida em abril de 2024).

Outro bairro presente em Rio Tinto é o Conjunto Beira Rio, uma adição relativamente recente ao tecido urbano da cidade. Segundo Soares (2013), esse conjunto habitacional foi construído na década de 1990 e reflete as transformações urbanísticas e sociais que a cidade experimentou no final do século XX.

A quarta, apesar de estar visível aos olhos desde o início, clareou-se a partir de uma conversa com minha amiga de longa data, Rúbia, nascida e criada em Rio Tinto, enquanto esta contava histórias sobre sua infância, questionamos ao mesmo tempo quem eram os moradores dessa terceira categoria, além dos balcões e outras estruturas da fábrica, os grandes chalés com os famosos tijolos laranjas que remetem à CTRT e segundo Seu Maurício

Ali só morava os que vinha de fora, de outros país, naqueles chalés ali. Tanto do lado direito como se entra na igreja a direita, como na esquerda né? Ali só morava os barões, cada um daquele ali tinha direito a um carro de mão de gelo, que aqueles povo de lá de fora eles bebia muita cerveja, eu me lembro de hoje! (Entrevista realizada no dia 04/02/2024 em uma das manhãs tomando café na minha casa)

Figura 5 - Chalés na Rua da Aurora em Rio Tinto/PB, localizada entre o final do Conjunto Eduardo Ferreira e o Centro.



Fonte: Elaboração Própria/2023.

E a quinta, são as casas que estão nas aldeias, que seguem diferentes tipologias, mas muitas dividem um ponto em comum, que se mostrou durante as manhãs de um ano inteiro onde eu levava minha filha para a creche no ônibus da prefeitura e este passava pela Aldeia Jaraguá e por outras partes da Vila Regina: as casas se encontram pelos quintais. Segundo Palitot (p. 202, 2017)

Cada grupo doméstico habita uma casa, idealmente próxima das casas de outros parentes (filhos, irmãos, netos, sobrinhos, cunhados) com quem compartilham uma área de quintal, nem sempre cercada, onde cultivam espécies vegetais diversificadas e criam animais.

A localização das moradias tem conexão com a proximidade do grupo à áreas naturais, uma vez que

O manguezal e o rio Mamanguape são os dois elementos mais importantes na ecologia da Terra Indígena e na vida das comunidades. As atividades de pesca e coleta nesses dois ecossistemas são exercidas por moradores de várias aldeias e não apenas daquelas situadas próximas ao rio. (*ibidem*, 2017).

A Vila Regina apresenta uma estrutura interessante. Separada do centro por dois quilômetros de estrada, os moradores da região organizaram suas necessidades nos estabelecimentos essenciais como mercados, farmácia, padaria, lojas de miudezas, salão de beleza, lojas de material de construção, açougue, academia, entre

alguns outros, em um quilômetro de estrada sentido Marcação e Baía da Traição. Sendo assim, as idas ao centro são esporádicas e geralmente com uma finalidade específica.

O bairro abrigou uma das fábricas da Companhia de Tecidos Rio Tinto, construída em 1936 “como forma de expansão do núcleo inicial de Rio Tinto” (Dantas, p. 47 2009). Em sua parte urbana, a Vila se divide em três unidades: Vila Santa Elizabete, Vila Regina e Vila Monte-Mór (Palitot, 2017), também é neste espaço onde estão as aldeias indígenas Potiguara, Jaraguá e Mont-Mor, que possuem grande relevância e participação na história da Companhia, pois tiveram seus territórios altamente devastados pelo uso irresponsável de seus recursos naturais. Além disso, nesta área também é possível encontrar vários fragmentos de construções entre casarões, trilhos de trem e fornos de cal.

Na Vila Regina, que está, dentro da dinâmica social, como uma outra parte de Rio Tinto, as coisas mudam um pouco. Em relação ao centro, onde estão os lugares mencionados anteriormente, a vila se apresenta como parte periférica da cidade. Os serviços são consideravelmente mais baratos, como o mercado de imóveis que oferece aluguéis pela metade do valor do centro, apesar de produtos de mercado serem mais caros. Devido à proximidade do grupo com o ambiente, sua subsistência está adjacente a estes elementos naturais, portanto as atividades realizadas em conjunto ao território, como a agricultura, pesca e coleta, fazem parte do cotidiano diretamente a partir do autoconsumo e de seu grupo familiar e com fins comerciais²⁴.

Sendo assim, a dinâmica espacial, econômica, social e cultural apresentam características particulares uma vez que a clivagem étnica também está em jogo. Os espaços são divididos entre grupos domésticos (*household* – Wilk, 1984) que, de acordo com Araujo (2017) “geralmente são formados por três ou quatro gerações, que mantêm entre si uma relação de cooperação”, portanto indivíduos relacionados a partir do parentesco dividem além do território, as atividades relacionadas ao cuidado do espaço, de subsistência e para fins comerciais (coleta, pesca, agricultura, criação de animais), além da relação de cuidado com as crianças da família, todas essas funções são divididas entre os elementos do grupo que divide o quintal , portanto “esse conjunto

²⁴ Os produtos são comercializados nas redondezas da cidade, como na feira de Rio Tinto, por exemplo.

de parentes atua de modo cooperativo ao longo dos anos visando a realização de atividades produtivas e de consumo, que circulam entre as casas da mesma unidade, estreitando laços de solidariedade entre os parentes.” (Palitot, 2017).

A pecuária é agudamente exercida pelos grupos familiares da região e os animais podem ter a função de permuta. A agricultura se expressa enquanto fonte de alimentação do grupo também podendo ter fins comerciais como complemento de renda. A pesca e coleta acessam diferentes aspectos de sociabilidade da região, sendo uma atividade que perpassa gerações e geralmente tem seu início na infância ao acompanhar parentes ou “vizinhos” aos rios e mangues, depois apresentando características de subsistência e como ofício.

Em uma das minhas idas à campo na aldeia Jaraguá, talvez a primeira, de fato, que deu início ao processo da minha monografia, conheci Xinim e sua esposa, que trabalharam na fábrica na década de 80, ele na área de carga/fiação e ela na tecelagem. Xinim me mostrou um local que, não muito tempo atrás, permitia ver com clareza as antigas linhas de trem e o forno de cal da Companhia, que tinha 7 metros de profundidade, mas que agora está aterrado.

Figura 6 - Antigo forno de cal utilizado pela CTRT.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 7 - Seu Xinin mostrando o forno de pedra calcária em meio à vegetação na aldeia Jaraguá.



Fonte: Elaboração própria.

Após a visita ao Xinim, conheci Ediene, que reside na rua do Porto, onde também moram seu filho, seus pais, seus irmãos, sua cunhada, seus sobrinhos e seus tios. Essa convivência configura um grupo familiar. A interlocutora divide suas atividades entre o maternar, a criação de animais, pesca de anzol e coleta de ostras

para autoconsumo, agricultura para comércio, aguar²⁵ as plantas às 5h e às 17h, os momentos em que a terra está fria, além de administrar o dinheiro do grupo familiar. Me chamou muita atenção a estrutura do espaço para os animais, um tanto quanto elaborada, além da horta, tudo sob seus cuidados e administração. Ediene também constrói armadilhas para pegar caranguejos e os guarda em tanques construídos em pneus, mas a atividade estava em pausa por proibição do IBAMA. Enquanto conversávamos, seu filho de 9 anos chegou da pesca de camarões, trazendo consigo alguns espécimes enormes de água doce, conhecidos como PITU.

Figura 8 - Ediene mostrando a horta que construiu em seu quintal.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 9 - Moradia construída pela interlocutora para abrigar seus animais.

²⁵ Expressão utilizada para expressar o aguar, regar as plantas.



Fonte: Elaboração própria.

Pensando nas características espaciais de Rio Tinto e na forma com que elas são distribuídas pelos bairros, essas contribuem para a memória coletiva, uma vez que “cada aspecto, cada detalhe desse lugar, em si mesmo, tem um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo”. (Halbwachs, 1990), ainda que as fronteiras geográficas entre os bairros não sejam tão rígidas, os membros do grupo conseguem visualizá-las naturalmente, já que essas imagens espaciais contribuem na construção das memórias e das perspectivas de lugar e pertencimento.

De volta aos processos de raciocínio que me afetaram durante a RAM em Niterói/RJ de 2023, os estudos sobre performance participaram de todos os meus dias de evento e voltei para a graduação cheia de referências nessa área e um novo desejo: o teatro. Tomei essa decisão por acreditar que este era o próximo passo pessoal e profissional para as minhas construções e cheguei na Paraíba pronta. Entrei em contato com meu amigo e colega de pesquisa Marçal, um ator e artista inspirador, perguntando se poderíamos ter alguns encontros. Ele, de prontidão, aceitou também animado e às quartas feiras iniciamos nossas atividades teatrais. Durante nossos devaneios, trouxemos a sensorialidade para pauta e resolvemos realizar uma

performance sensorial sobre o Pai do Mangue a partir de uma história da Dona Rosa, hoje interlocutora, mas naquele momento, mãe da Railane, nossa colega de turma - que também se tornou interlocutora durante o processo.

Decidimos encontrá-la para ouvir sua história pessoalmente. Era um domingo nublado de setembro, final de 2023, mas quente. Garoava e parava entre alguns raios de sol. Entre muitas conversas curtas e paralelas no Conjunto Bonfim, perto de minha casa no Conjunto Eduardo Ferreira, cada vez que eu focava em um interlocutor, ouvia uma história. Comecei a perceber que as pessoas queriam contar coisas, falar coisas. Lembrar começou a ser um exercício natural no que estávamos construindo ali. A partir disso, comecei a prestar atenção no bairro. Pensava na Vila e no Centro e percebia características diferentes naquele lugar. Dona Rosa me contava que morara mais de 30 anos numa fazenda de eucalipto no interior de Rio Tinto e criara seus filhos lá, antes de vir para esse bairro. De repente se abriu para mim uma nova face da cidade. Depois, conversando com outra interlocutora, Dona Maria, vinda de outra cidade do interior do estado, me deparei novamente com outro processo de vida. Fui confrontada com uma nova possibilidade de caminhos, de pessoas, histórias e memórias. Pensando os bairros como construções subjetivas de vários elementos, o campo apresentava mais uma face: o Bonfim. Este, que era para ser um dia de campo, se transformou em um campo contínuo de domingos, para nossa pesquisa em conjunto que também acabou tomando outros rumos e para minha pesquisa de monografia sobre a construção de memórias em Rio Tinto.

O Bonfim é um bairro popular ao lado do Conjunto Eduardo Ferreira, seguindo (literalmente) a mata que desce o Sesi²⁶. Tem como característica em comum com a Vila a ecologia doméstica predominante de grupos familiares e relações de parentesco, a partir do que sugere Sahlins (2013), os parentes “participam intrinsecamente na existência dos outros”. Tanto no Bonfim, como em outras partes de Rio Tinto, a parentalidade é exercida para além dos laços consanguíneos, a partir das experiências coletivas devido à estrutura espacial e de sociabilidade da cidade, uma vez que as pessoas estão sempre relativamente próximas umas das outras - moram próximas,

²⁶ Instituição privada de grande importância na história da cidade, o Sesi oferecia cursos de capacitação durante o período fabril e continua atuando em Rio Tinto como clube, hotel, academia e outras atividades físicas.

mesmo que não seja no mesmo bairro - trabalham juntas, utilizam serviços umas das outras, frequentam os mesmos lugares de lazer, etc. Um parágrafo escrito em meu caderno de campo durante as visitas é recheado de dúvidas que podem ilustrar como os questionamentos fizeram parte desse processo:

Também tem como característica as atividades técnicas como agricultura e pesca, mas parece diferir de alguma forma na etnicidade. Ainda não posso afirmar se os habitantes do bairro são ou não indígenas, mas observo que se sim, esta identidade não é acionada da mesma forma - e com a mesma frequência - com que acontece na Vila. Mas em comparação ao Centro, também existem disparidades, como a arquitetura das casas, que em Rio Tinto simboliza status e condições financeiras, no Bonfim, as casas são simples mas não possuem as mesmas características das casas operárias e nem das casas reformadas e modernas, a não ser na Rua do Bonfim²⁷, que conecta o Conjunto Eduardo Ferreira e Conjunto Bonfim, e onde estão casas com arquiteturas robustas e exuberantes. (sem data, caderno de campo do final de 2023)

As informações sobre a construção do Conjunto Bonfim demoraram a chegar e durante uma entrevista, despretensiosamente, Carlinhos me contou que este bairro foi formado a partir de um conjunto habitacional destinado aos moradores do interior da cidade devido às cheias frequentes na área. Não consegui encontrar referências que confirmem esse dado, mas faria sentido, já que dona Rosa foi moradora do interior por toda a vida, sendo moradora do Conjunto há poucos anos. Carlinhos também contou que a recepção desses moradores ao que chamou de “casas de pombo”²⁸ não foi tão amistosa, já que essas pessoas moravam em sítios e eram agricultores e pescadores, sendo assim, estariam acostumadas com espaço e uma interação maior com o ambiente.

O interlocutor conta com mais detalhes sobre o início desse bairro

Isso aqui era um lixeiro. Como aconteceu isso? Aconteceu que Dr. Braga e Dra. Vania virou prefeito em Rio Tinto, precisava de um local pra fazer um conjunto habitacional, mas ela só conseguiu fazer três ruas que inclusive eu fui o construtor dessas casas aqui. Quem começou a primeira casa daqui fui eu. Aí virei construtor, olha... (...) Uma sala, cozinha. Banheiro nem pra sonhar. Dormia aqui na sala e aqui era a cozinha, essa era a casa. Eles fizeram, doutora Vânia fez uma entrega de repente, entregou até casa que não tava construída. Aí o jeito foi a gente arrumar um bocado de pedreiro e meter o aço. Conseguimos fazer. Aí virou o Conjunto Bonfim. Três ruas. Três. Sem energia, sem saneamento básico, sem água, praticamente nada, a Deus dará. Tem 25 anos esse conjunto. (...) (Foi feito) pra os ribeirinhos, do Veloso, Taberaba, Cural de Fora, mas na realidade, eu só conheço três ribeirinhos que receberam. (...) Muitos ribeirinhos receberam, não demoliram as casas lá, que era pra demolir, venderam aqui e foram morar de volta lá. (...) Eu acho assim, sabe, que você mora, no caso eu moro numa casa dessa aqui, essa casa tem 27 metros de comprimento, aí você me dá essa garagem, cê

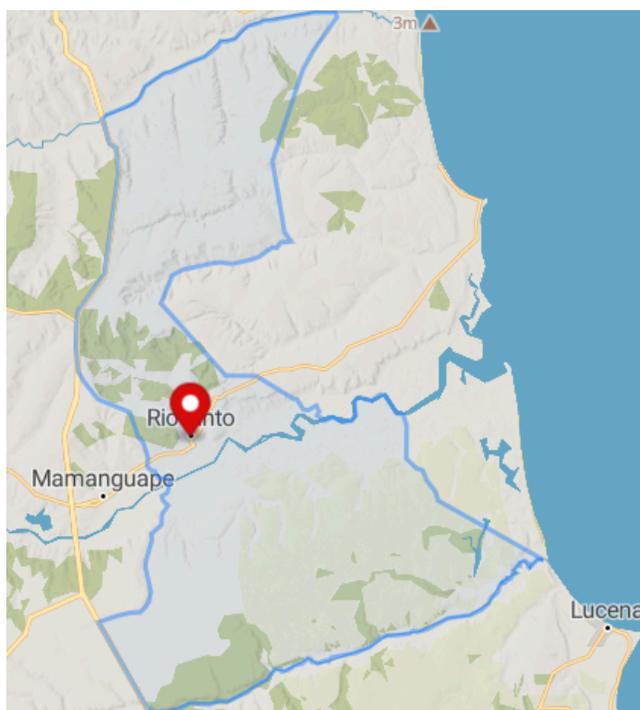
²⁷ Rua do Bonfim, conhecida como a Vaquejada devido ao fato de ser o espaço onde ocorrem as festas tradicionais em meados de setembro.

²⁸ O interlocutor utilizou essa expressão para definir casas com apenas uma entrada.

acha que eu vou me sentir bem aí? (...) Eu tiro por mim, olhe só, um exemplo né, eu acostumado na pesca, quer me matar é só me proibir de pescar, acabou comigo. (Entrevista concedida em abril de 2024).

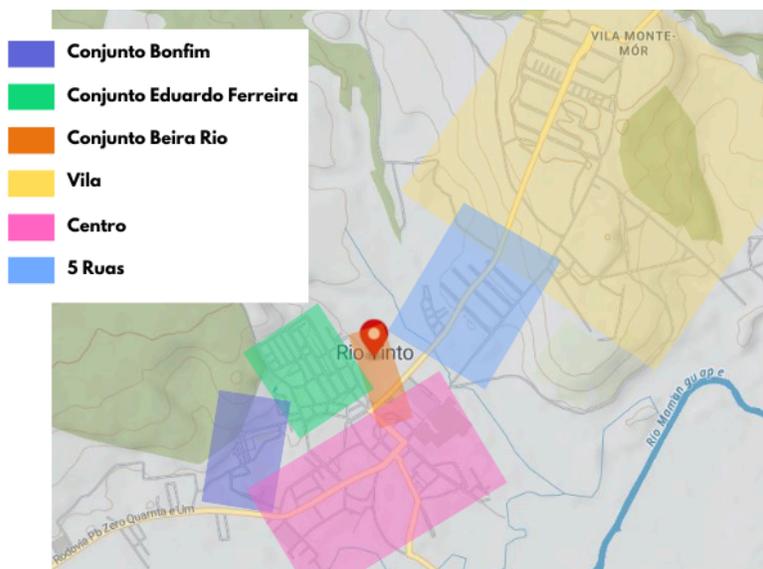
Durante o processo de pesquisa, percebi que em Rio Tinto as fronteiras eram quase invisíveis, se não fosse pela percepção coletiva dos moradores sobre seus limites. Assim, pensei em como ilustrar esses microbairros que fazem parte da cidade, a fim de elucidar a organização territorial descrita e como é possível observar que “as fronteiras na realidade não imobilizam mas, curiosamente, são atravessadas” (Hannerz, 1997). Os mapas a seguir demonstram a cidade de Rio Tinto e como os bairros e microbairros são próximos. O fato de os marcadores coloridos se encontrarem é proposital, afinal essas fronteiras não são demarcadas com tanto rigor, vez ou outra se misturam.

Figura 10 - Mapa de Rio Tinto/PB



Fonte: Mapa de Rio Tinto - Paraíba - Guiamapa.com

Figura 11 - Mapa dos bairros de Rio Tinto



Fonte: Desenvolvimento autoral do mapa a partir de imagem de satélite do site

<<https://guiamapa.com/pb/rio-tinto>>.

Como está no mapa, três quilômetros separam as extremidades “parte de baixo ou parte de cima”, mas para as pessoas, a partir do início da subida já não é mais parte de baixo e já faz sentido se locomover com os alternativos que fazem o serviço de lotação por trajetos vezes até as 5 ruas e a Vila ou Marcação e Baía da Traição, com a possibilidade de descer no caminho, esses são os pontos definidos pelos prestadores desse serviço que varia entre R\$4,00, R\$8 e R\$15 respectivamente. Para outros lugares de Rio Tinto que estão fora desses pontos, os preços são negociados e para a cidade ao lado, Mamanguape, a lotação também é a opção mais utilizada.

Durante a análise sobre a configuração das fronteiras de Rio Tinto, pensei no trabalho de Leach (1960), nas Terras Altas do Sudeste Asiático, onde o autor afirma que as fronteiras eram muito mais fluidas e complexas do que o modelo ocidental de estados-nação sugeria. Ele argumentava que as fronteiras políticas eram permeáveis e que as identidades culturais e políticas das comunidades não se alinhavam necessariamente com essas fronteiras. Por isso, o autor enfatizava a importância de entender a dinâmica das relações sociais, econômicas e de parentesco para compreender as fronteiras nesta região. Da mesma forma, em Rio Tinto, as relações

também parecem ser um dos pilares da organização espacial, social, cultural e política da cidade.

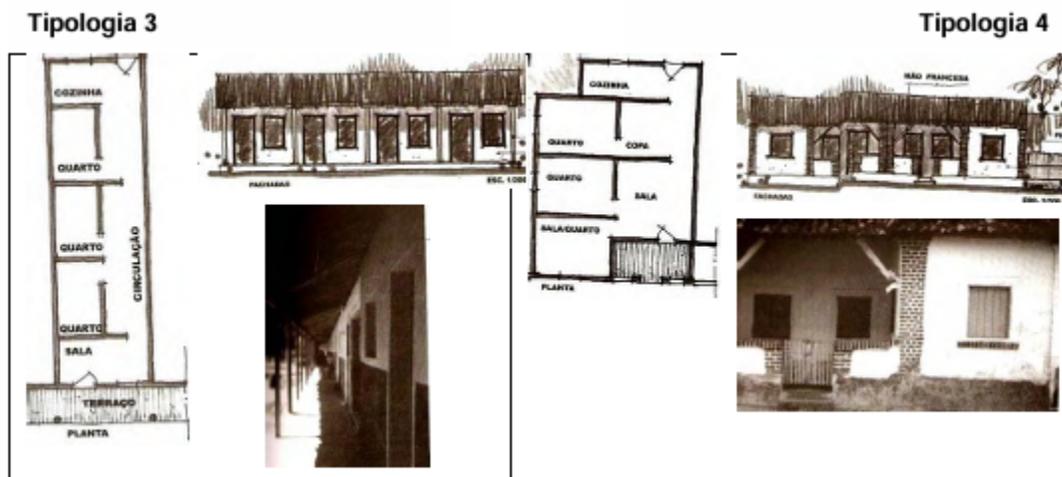
Durante o processo final de escrita, encontrei a dissertação de Dantas (2009), mestre na área de arquitetura e urbanismo, intitulada “Rio Tinto, impacto do declínio econômico na organização espacial”, e durante uma leitura muito interessante encontrei a análise de Panet, A. et al. (2002) relacionada às tipologias de construções disponíveis na cidade, capaz de demonstrar os padrões da organização espacial e social de Rio Tinto. Nas imagens a seguir, a autora elucida as características de cada tipologia:

Figura 12 - Tipologias 1 e 2



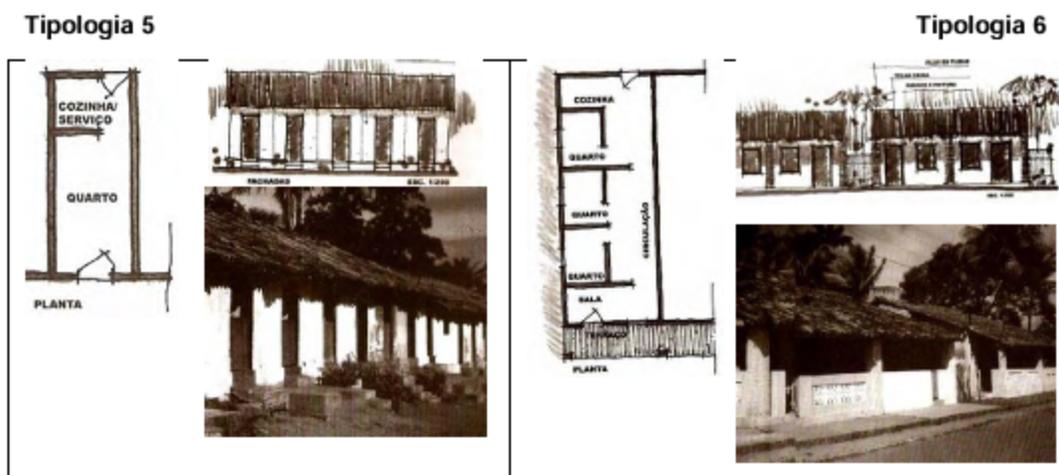
Fonte: Panet, A. et al (2002)

Figura 13 - Tipologias 3 e 4



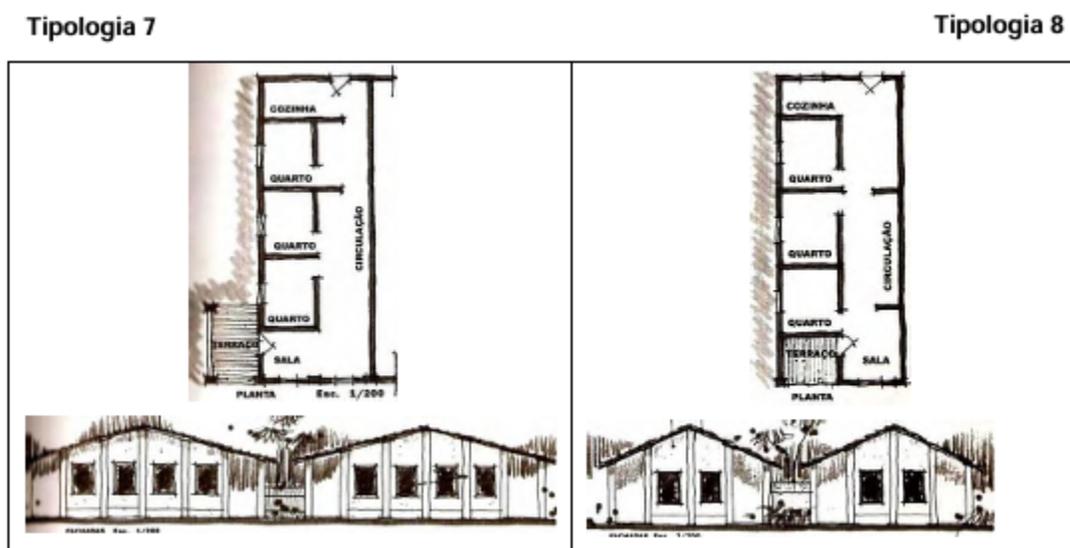
Fonte: Panet, A. et al (2002)

Figura 14 - Tipologias 5 e 6



Fonte: Panet, A. et al (2002)

Figura 15 - Tipologias 7 e 8



Fonte: Panet, A. et al (2002)

Segundo Panet, A. et al. (2002), são 8 tipologias mais os chalés e mansões, que apresentam características específicas. As casas se distribuem em três setores, sendo:

Setor A - Núcleo inicial;

Setor B - Complementar ao núcleo inicial;

Setor C - A Vila Regina;

O setor A concentra as primeiras edificações do grupo Lundgren, onde se localizam a antiga fábrica, a igreja, a delegacia, o América Esporte Clube, chalés, o

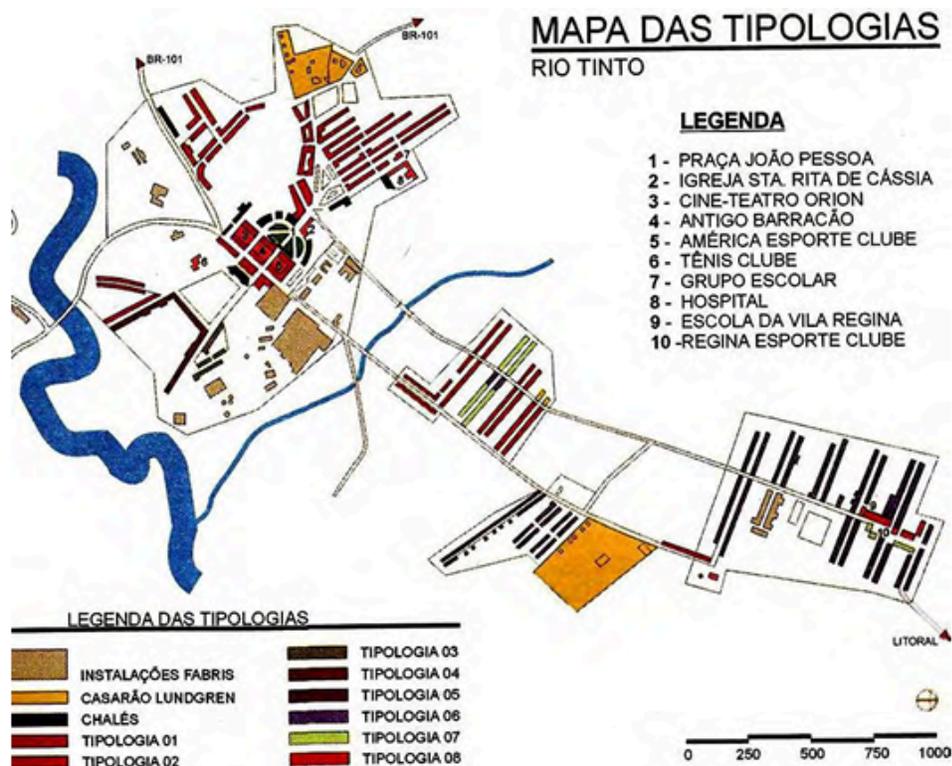
antigo barracão, o cinema Orion e as primeiras ruas onde foram construídas as casas dos operários. Nesse setor, é possível encontrar as tipologias 1 e 2.

O setor B foi construído para complementar o primeiro, concentrando a parte baixa do centro da cidade. Nele estão a antiga garagem da Companhia, o Tênis Clube e as ruínas dos galpões de manutenção e fundição (Dantas, 2009), com tipologias 1, 3 e 4.

O setor C, conhecido como Vila Regina, foi onde a CTRT construiu uma nova unidade fabril na década de 1930, expandindo o empreendimento. Correia (apud Panet et al., 2002) destaca que a segurança era uma prioridade na definição dos assentamentos operários, com foco no isolamento em pequenos núcleos de baixa densidade populacional. Esses assentamentos eram dispersos, com grandes espaços vazios entre eles, como praças e terrenos. Nesse setor, encontravam-se as tipologias 02, 06, 07 e 08, além da tipologia 5, destinada a cubículos para prostituição. Essa localização era estratégica, próxima ao porto antigo, frequentado por trabalhadores das barcaças e transportadores de mercadorias, geralmente operários solteiros sem família na cidade (Panet et al., 2002).

No mapa de Panet et al (2002) a seguir é possível compreender com mais clareza a distribuição das tipologias:

Figura 16 - Distribuição das tipologias na cidade de Rio Tinto



Fonte: Panet, A. et al (2002)

Quando encontrei a dissertação de Dantas, me lembrei imediatamente do mapa que construí para elucidar o que eu via pelas ruas na página anterior, fiz anotações e comecei a observar a vista dos fundos da minha casa, onde é possível ver toda a fábrica, o caminho para Mamanguape, para a Barra de Mamanguape, o Conjunto Eduardo Ferreira e parte da estrada que sobe para a Vila Regina. Isto me comprovou a teoria de Panet.

Com a imagem a seguir é possível ilustrar a teoria da autora, observando as três seções - os três momentos - da cidade. Seguindo as cores utilizadas no mapa (Dantas, p. 49, 2002) se observa a seção A em laranja com as chaminés em foco, onde está a antiga fábrica, o Centro e o que é hoje chamado de conjunto Eduardo Ferreira, que foi o primeiro núcleo construído pela CTRT. Em amarelo, o complemento ao primeiro núcleo, que são hoje as ruas onde estão a Prefeitura do município e parte de baixo do Centro. Em vermelho está a estrada a caminho e da Vila Regina, tendo as 5 Ruas como foco.

Figura 17 - Cidade de Rio Tinto vista da Vila Regina



Fonte: Elaboração própria/2024

Figura 18 - Mapa da teoria das seções em Rio Tinto



Fonte: Elaboração própria/2024

A análise da organização espacial de Rio Tinto, assim como a investigação sobre as memórias dos seus habitantes, revela a fluidez das dinâmicas sociais, econômicas e culturais que moldam tanto o território quanto as histórias das pessoas que o habitam. Assim como as delimitações espaciais da cidade não são fixas, as memórias de seus moradores também não seguem uma linearidade rígida, sendo constantemente resignificadas a partir das interações sociais e dos contextos em que estão inseridas. A organização territorial, portanto, reflete as interações cotidianas que, tal como as narrativas de memória, se desdobram de acordo com as experiências vividas e compartilhadas.

7 “É CLARO, DENTRO DESSAS MEMÓRIAS, TAMBÉM EXISTEM OS EQUÍVOCOS”

A construção da memória e da oralidade dentro de determinados contextos e grupos se apresenta como uma árvore. A história se inicia como um tronco, com suas características principais: enredo, personagens, cenário, clímax; até o topo, onde se iniciam suas ramificações. Seus galhos e folhas representam as vezes que essas histórias são recontadas, com mais - ou menos - elementos, novas interpretações, ênfases em partes que anteriormente passavam despercebidas, personagens que detêm novos papéis, cenários que se misturam. Os frutos representam os símbolos associados às histórias, significados que se resignificam a cada vez (em cada galho onde o fruto nasce) e que, de toda forma, ao final dizem o que querem dizer. Ao fim, o tronco traz os aspectos gerais dessas histórias, mas como a árvore é a junção de tronco, galhos, folhas, frutos, a memória e oralidade do grupo se constroem da mesma forma: cheia de caminhos, interpretações, particularidades e momentos.

As memórias dos bairros de Rio Tinto parecem ter sido construídas a partir de caminhos distintos. Se, após o declínio da Companhia de Tecidos Rio Tinto, no Centro, seus moradores tinham, além de outro histórico, outras possibilidades de renda e subsistência, na Vila acontece uma retomada de atividades como pesca, agricultura, coleta, criação de gado para a garantia da subsistência do grupo, majoritariamente indígena Potiguara. E bairros como Conjunto Beira Rio, Conjunto Bonfim, parte do Conjunto Eduardo Ferreira ainda não existiam nas configurações de hoje.

Enquanto na parte baixa da cidade seus moradores iniciavam novos empreendimentos na cidade, devido ao fato de que durante o período ativo da Companhia haviam poucas ou nenhuma opção além desta como local de trabalho, na parte de cima seus moradores seguiam à margem desta dinâmica econômica, como complementa Palitot (2017), “os que ficaram, intensificaram as atividades econômicas não industriais que sempre fizeram parte do cotidiano da Vila, como meios complementares de reprodução social: o corte de madeira, a agricultura e a pesca no manguezal.”

Os antigos funcionários e as gerações seguintes geralmente percebem o momento fabril como um tempo próspero para seus ancestrais, onde o acesso a serviços e produtos era viabilizado pela fábrica, além da garantia de emprego e moradia. Percebem a cidade, neste tempo, mais organizada e funcional, ao mesmo tempo que narram os comportamentos autoritários e as desigualdades durante este período, o que demonstra uma intensa domesticação do grupo, que ficou refém da organização social determinada pela Companhia e que foi endossada pelo isolamento geográfico.

A partir disso, as memórias se constroem diferentes nos lados opostos de Rio Tinto, visto que devido às questões espaciais, étnicas e econômicas em relação aos microbairros do Centro, “as famílias indígenas, por sua vez, sustentam um regime de memória completamente divergente.” (Palitot, 2020).

À vista disso, as memórias em relação ao contexto fabril e após seu enfraquecimento e queda se construíram a partir de cotidianos e narrativas embasadas em elementos contrastivos, vinculadas à identidades e posições sociais. No que se refere à primeira geração durante e pós CTRT, os filhos dos trabalhadores vivem memórias experienciadas que nenhum outro ator social viveria, uma vez que além de se relacionar com as narrativas, as presencia. Além de ver seus pais, tios, primos e vizinhos vivenciarem o contexto, estes também o experimentam a partir do segundo olhar capaz de transformar aquilo em memória, sendo o primeiro os próprios funcionários.

A geração seguinte reafirma as memórias adjacentes ao construir suas narrativas a partir da história oral. Goody (1987, p. 102) ressalta que as narrativas orais

são essenciais para a construção e manutenção da identidade cultural, pois conectam o passado com o presente e ajudam a moldar a compreensão coletiva da história. Assim, os elementos desse tempo são compostos a partir do que os familiares contam, das fotografias guardadas e da composição familiar e estrutura social em que a pessoa está inserida. As duas pessoas entrevistadas dessa geração seguinte revelam um tom de contação de histórias que entrelaça as narrativas familiares com os ecos dos espaços da cidade.

De acordo com o conceito das memórias subterrâneas de Pollak (1989), essas podem se apresentar como as memórias não oficiais, ou seja, as histórias que não seriam contadas pelos livros de história, ou que seriam maquiadas por estes: as memórias periféricas, mas também como memórias geracionais que são envoltas em camadas de recontação, ressignificação, adição ou subtração de elementos a cada vez que são revividas.

Como funcionam essas construções de sociabilidade na Vila e no Centro? Relembrando os escritos de Teresinha (1998) sobre as memórias de mulheres negras e brancas na cidade de São Paulo do século XX, pude perceber similaridades em Rio Tinto, uma vez que marcadores diaspóricos acompanham os perfis dos grupos analisados e as construções de suas memórias. A autora percorre trajetórias de mulheres negras e mulheres brancas descendentes de italianos e observa diferenças consideráveis em elementos como lazer, religião, mobilidade, casamento e família. Considerando um país após recente abolição incompleta (Nascimento, 1977), onde os negros foram deixados à margem da sociedade sem acesso a terra, educação e oportunidades econômicas, homens e mulheres tiveram que sobreviver e construir suas histórias neste contexto. Enquanto as mulheres negras apresentam relatos de abandono, violência, péssimas condições de trabalho, dificuldade de subsistência (moradia, alimentação, saúde, etc.), mulheres brancas se lembram dos passeios ao cinema e teatro, momentos entre família, festas de casamento e conversas entre vinhos. A partir disso, é possível observar a diferença da construção de memórias dos grupos observados, ainda que os negros e os descendentes de italianos estivessem no mesmo território, não estavam nos mesmos espaços, e quando estavam, os experienciaram de formas diferentes.

Trazendo essa análise para o contexto de Rio Tinto, pude perceber entre as mulheres da Vila Regina e do Centro, uma disparidade em suas memórias de lazer e de família. Enquanto no Centro conta-se histórias sobre os bailes nos clubes, festas da cidade e sessões no cinema, as mulheres da Vila não trazem memórias parecidas. Relatam que não tinham condições financeiras ou roupas para participar, além da distância geográfica dos locais que ofereciam esses eventos. Entretanto, os homens da Vila apresentaram relatos e memórias sobre os mesmos eventos, o que me faz pensar sobre os limites de gênero na cidade nesse período. Também haviam caminhos diferentes nos relatos de família, que no Centro e Bonfim envolviam histórias de casamentos e migração, enquanto na Vila, as duas mulheres Potiguara entrevistadas, trouxeram casos de violências e ameaças. Os homens passeavam entre memórias oficiais e memórias individuais sobre a juventude, me fazendo questionar as diferenças de responsabilidades familiares entre os gêneros.

Observando os períodos e os bairros de Rio Tinto, como se constroem as memórias desses filhos, netos, sobrinhos, que assistiram seus familiares trabalhar e viver o período fabril e também o experienciaram enquanto atores sociais? E como se constroem as memórias desses filhos, netos, sobrinhos, de cada um desses grupos?

Como se lembram dos almoços de família, os momentos de lazer, os fazeres ritualísticos e religiosos, as funções domésticas, o senso de segurança, e quando tocava o sinal da fábrica, os pais, avôs, tios de quem estava a ir ou a chegar? Como se lembram da relação e das atividades realizadas junto ao território? Como se lembram do fim? Como se lembram das novas perspectivas? Como se lembram de seus familiares resistirem?

Todos esses questionamentos podem ter encontrado bifurcações no caminho, afinal de onde você vem diz muitas vezes por onde você vai, ainda mais quando falamos de grupos marginalizados, e dentro da configuração social de Rio Tinto no período durante e pós fábrica, o grupo dominante foi estabelecido a partir da marginalização e dominação de outros. Escolho não utilizar a expressão “grupos minoritários”, porque não eram minoria de forma nenhuma. Esses outros, dito anteriormente, eram os indígenas Potiguara, donos e residentes do território, camponeses e outros grupos de pessoas que vieram de cidades próximas após serem

“convidados” a trabalhar, por outras pessoas que ganhavam “por cabeça” - por quantas pessoas conseguisse recrutar - e por isso existem tantos relatos de promessas irreais, como as torneiras que jorravam leite e montanhas de cuscuZ, de pessoas que trouxeram a família inteira em busca de uma vida próspera. Seu Maurício, um dos interlocutores, é neto de uma das pessoas encarregadas desse serviço e conta que seu avô ia para os interiores e outras cidades próximas para recrutar funcionários

O meu avô, o velho chamado Luis de França, esse aí era formado da companhia lá porque ele era quem trazia o povo de fora pra trabalhar aqui. O velho Luís de França era meu avô, esse era quem carregava, esse era quem ia pra lá pra organizar os caminhão, aqueles caminhão chamava tipo pau de arara, aqueles caminhão que é coberto com a lona por cima, né? E aquela bancada de madeira dentro, que é pra piãozada sentar dentro, né? (Entrevista cedida em abril de 2024)

Sobre as torneiras, Dona da Luz conta que, não de leite, mas tinham torneiras de água que ficavam nas ruas, geralmente uma ou duas por rua, e serviam para abastecer as casas.

Ao chegarem, muitos aceitaram empregos disponíveis, mesmo diante das péssimas condições de trabalho e moradia. Os baixos salários e o controle das atividades agrícolas frequentemente forçavam os moradores a contraírem dívidas para sua subsistência. Essa situação frequentemente resultava em uma "servidão por dívida", onde os trabalhadores permaneciam endividados e, portanto, não podiam deixar a propriedade enquanto continuassem devendo ao patrão (Targino; Moreira; Menezes, 2011). O acesso à moradia variava dependendo do tempo de trabalho e da posição social dos moradores. Alguns viviam em condições precárias, sem energia ou dividindo o espaço com várias outras famílias, enquanto outros chegavam com promessas de moradia para toda a família, mas ao chegarem, não encontravam nada. À medida que os filhos cresciam, muitos começavam a trabalhar, e alguns até aumentavam a idade para conseguir um emprego. Aqueles que trabalhavam na fábrica frequentemente permaneceram até não poderem mais ou até o declínio da empresa. Seu Maurício conta um pouco sobre essa dinâmica

Meu avô trazia esse povo pra cá, soltava aqui, essa rua ainda tava fazendo ela. Pronto, tinha casa dessa aqui que tinha três famílias dentro já morando. Ela nem porta tinha, você entendeu? Aí você vinha de lá daquele meio de mundo também, Maria vinha, ela vinha, ele vinha, botava dentro tudo dentro de uma casa sem vocês nunca se verem. Cada um tem o seu quatinho pra dormir provisório porque com dois dias ia tirando já uma família, no outro dia já tirava outra e ficava só você mesmo, ou você, entendeu como é? Porque a casa ficava pra um grupo, pra uma família daquela. Aí quando aquilo

ali já tinha já o serviço já certo pra ir trabalhar que era a Companhia Rio Tinto.
(Entrevista concedida em abril de 2024)

Sendo assim, a partir de quais condições seus descendentes construíram suas histórias? Voltando às análises de Teresinha (1998), é possível compreender com mais clareza como a genealogia implica nas histórias de vida ao observar a São Paulo do progresso onde os descendentes de italianos chegavam ao Brasil muitas vezes com trabalhos previamente arranjados por outros familiares ou conhecidos. Além disso, a dinâmica de vida, como a logística de moradia dessas famílias, que se organizavam em grandes casas e dividiam as despesas, contribuía para que o dinheiro fosse direcionado para além da subsistência, tendo acesso a lazer, viagens, etc., além de funcionar também como uma rede de apoio para que essas pessoas pudessem trilhar suas jornadas individuais.

Isso contribuiu para que essas pessoas pudessem viver além de trabalhar: iam aos cinemas e teatros, visitavam amigos e parentes distantes, praticavam suas atividades religiosas, tinham festas no bairro que, por tradições e experiências em comum, se transformavam em festas de família por um movimento de pertencimento, e para efeitos posteriores, contribuiu para que pudessem estudar e formar carreiras. Fazendo um recorte de gênero, as mulheres em sua maioria sucumbiam aos papéis de esposas, mães e donas de casa, privadas também da possibilidade de se movimentar pela cidade para além de suas responsabilidades e eventos permitidos, como as festas, igrejas, cinemas e teatros.

Observando as narrativas das mulheres negras, sucessivos abandonos aparecem nas entrelinhas. Criando filhos sozinhas, empregos instáveis e violentos em suas condições, no racismo escancarado, nos abusos sofridos; moradias compartilhadas, dificuldade de mobilidade pela cidade, já que os aluguéis acessíveis eram distantes dos locais de trabalho; nas atividades de lazer, quando a autora fala sobre o incômodo dos brancos ao perceberem os negros existindo nos mesmos espaços, como nas festas que aconteciam pela cidade, entre outros percalços de viver numa cidade progressista para uns e arisca para outros.

A grande questão em fazer a análise desses escritos, é entender como se constroem as histórias de família e, conseqüentemente, suas memórias, considerando que estas se apoiam majoritariamente nas histórias vividas (Halbwachs, 1990).

Comparando as situações dos dois grupos, em quais condições uma família que conta com emprego, moradia, lazer, rede de apoio, livre expressão religiosa, pode criar seus filhos e netos e como uma outra família racializada, que “parte”²⁹ de um contexto escravocrata, sem acesso à trabalho, moradia, saúde, com o que poderia ser sua rede de apoio, marcada por separações, impedimentos e violência, tendo sua religiosidade e cosmologia oprimida e silenciada, pode criar seus filhos e netos? Quem são esses filhos e netos? Como a sociedade recebe esses descendentes e, mais do que isso, o que, exatamente, essa sociedade os oferece?

Essa análise é trazida para repensar as histórias de família de Rio Tinto, são diferentes marcadores sociais, mas as ferramentas são as mesmas, uma vez que se concentram em um grupo os detentores do poder econômico, religioso, político, territorial, etc. e em outro, indivíduos dependentes desses elementos a partir de uma hierarquia vertical. Quem são e onde estão esses filhos, netos, etc e como se desdobram suas memórias de uma Rio Tinto do século XX? Os filhos do grupo detentor desse poder e do grupo submetido a essa dominação tiveram as mesmas oportunidades? Seus pais puderam prover seus estudos ou tiveram que abrir mão deste ou fazê-lo junto com o trabalho? Seus pais puderam revezar entre trabalho e lazer ou o primeiro era prioridade a fim da sobrevivência da família? Suas terras estavam asseguradas? Como funcionaram as redes de apoio para a construção dessas famílias? Ao declínio da fábrica, tiveram outras oportunidades de trabalho? Como reorganizaram a logística da família? Todos esses questionamentos são válidos para observar de onde esses filhos partiram e como constroem suas memórias.

Por que justamente a Vila Regina, onde estão os Potiguara há séculos, é a periferia da cidade? Por que os de lá descem para trabalhar, e os de baixo, sobem a caminho da praia? O que traz um outro questionamento: se todo grupo produz seus próprios elementos de sociabilidade, culturais, étnicos, onde esses se encontram nessas memórias?

Voltemos a Pollak (1989) e seu conceito de memórias subterrâneas, observando por dois pontos: as memórias oficiais, aquelas ditadas por uma história eurocêntrica e

²⁹ Considero a expressão “parte”, a partir da análise de uma família X, não considerando que essa história se inicie pós escravidão e sim com a certeza de que, na verdade, essa história foi partida ao meio e teve que ser reiniciada.

fatos interpretados de forma centralizada que negam possibilidade de expressão de outras faces acerca dos mesmos e as camadas de memórias que perpassam gerações, posições sociais e narrativas que, em sua maioria e em conexão com o ponto anterior, não podem ou não poderiam estar nos relatos oficiais.

Considerando as conexões entre as camadas geracionais de experiências e memórias, ao pensar nessa pesquisa como uma forma de interação dessas diferentes perspectivas que perpassam o tempo e, por vezes, o espaço, lembrando os deslocamentos realizados pelos trabalhadores e suas famílias que vieram de outras cidades e estados durante o período fabril, Halbwachs (1990) afirma que

A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com ajuda dos dados emprestados do presente, e além disso preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada.

Ou seja, pensar essa pesquisa a partir das narrativas dos descendentes dos trabalhadores que, naturalmente, estão em conexão com as narrativas dos próprios operários, é compreender a forma com que a memória pode ser construída, tanto em coletivo, como em conjunto com a história oral e experiencial, a partir de elementos nem sempre tão lineares. Vou contar uma história onde pude observar isso em campo.

No primeiro domingo no Bonfim, fomos para escutar Dona Rosa contar sobre o dia em que foi pescar com seu pai, quando criança, e lá tiveram uma experiência com o pai do mangue³⁰. Eu já havia ouvido a história, sua filha Railane me mostrara o áudio gravado onde os fatos eram sequenciais. Durante a entrevista, Dona Rosa contou aproximadamente três ou quatro histórias sobre o acontecimento, quando percebi que todas formavam aquela que eu havia escutado no áudio. Voltei para casa pensando sobre isso e questionando o porquê de as histórias terem se misturado, então recorri ao meu amigo tão próximo, o caderno de campo, onde escrevi:

É assim que a memória funciona, talvez num momento anterior não houvessem estímulos suficientes para a memória/imaginário elaborar cada história, então criou uma só com elementos de várias” (Caderno de Campo, 2023)

E finalizei pensando o campo como um contexto adequado para esse exercício de memória, afinal, ali estamos munidos de ferramentas de investigação, como por exemplo, a entrevista que demanda uma dinâmica de organização de tempo, espaço e pensamentos e esses elementos ajudam no processo de resgate como um labirinto: ao

³⁰ Segundo Palitot (2020), o Pai do Mangue, dentro da cosmologia local, é o guardião das áreas de “mangue, a Maré e o Fundo do rio Mamanguape”.

entrar, você vai escolhendo caminhos que se desdobram em outras possibilidades de seguir, por onde você virar, achará dois ou três corredores para entrar, escolherá um e em dado momento, isso se repete. Da mesma forma com a memória, na continuidade dos assuntos que são percorridos durante as conversas, caminhos vão sendo tomados de acordo com os estímulos, que podem ser as perguntas ou temas que guiam, a dinâmica de organização com uma finalidade e a viabilidade de fluidez de resposta que permite que as memórias sejam acessadas durante as narrativas. Todos esses elementos aparecem como possíveis escolhas de caminhos durante o labirinto, cada elemento te permite acessar algum lugar da memória e da oralidade, por isso a entrevista semiestruturada pode ser eficaz, pois é uma ferramenta de direcionamento metodológico que funciona também como um fluxo de interação entre interlocutor, pesquisador e a memória.

Sendo assim, foi possível concluir a pergunta se as memórias mudam de acordo com os bairros, considerando que em cada bairro, e na cidade no geral, existe um passado contextual em comum que garante, além de memórias, experiências coletivas. Uma vez que os bairros são conjuntos dessas experiências coletivas, as memórias perpassam aspectos étnicos, financeiros, geográficos e sociais e apresentam diferentes construções acerca dos elementos que fazem parte das narrativas. De onde o olhar parte importa para entender o caminho que percorre os próximos passos, neste caso, as próximas gerações. Além disso, a memória consolida a realidade e afirma que, de alguma forma, existiu, funcionando como a solidificação do ser: sou a partir do que lembro.

As memórias das gerações pós CTRT em relação ao seu momento ativo dependem do histórico de seus antepassados, já que são construídas a partir de suas narrativas, os resquícios pela cidade e a história oficial, como demonstra Railane ao contar sobre a infância de sua mãe, Dona Rosa, durante os tempos fabris

Ela vinha a pé, ela vinha de Taberaba a pé pra aqui pra Rio Tinto, é, vender manga. Ela pegava as manguinha verde, enfurnava e vinha vender manga, por que? Porque na época da fábrica, é o que ela falava pra mim né? Na época da fábrica era muita gente! Tinha muita gente! E aquele pessoal chegava e comprava tudo, tudo que vier, tudo que tivesse. E naquele tempo, ela muito humilde, aquelas manga que ela tirava do pé ainda verde e botava pra enfurnar, ficava bem madurinha e vendia tudo! Ela criança ainda, isso que ela passa pra mim né? Que na realidade eu não tenho a lembrança, minha lembrança é tipo, aquela lembrança que ela passou pra mim, não a minha lembrança mesmo porque eu não vivenciei essa época. Quando eu era adolescente, criança, me

lembro aqui de Rio Tinto mas não, nenhum contexto da fábrica não. (Entrevista concedida em março de 2024)

As memórias dos que presenciaram o auge da fábrica são construídas de acordo com os marcadores e contextos sociais em que estavam inseridos neste momento, como demonstra o relato da interlocutora, já que a mãe nesse momento de sua infância estava no interior de Rio Tinto, em Taberaba, que estava fora das experiências centrais da Companhia, mas interagiu indiretamente com a fábrica a partir de prestações de serviços necessários à manutenção e operação da Companhia, como conta Dona Rosa sobre seu pai

Meu pai fazia vassoura e minha mãe cuidava da gente. O serviço era esse. Depois chegou um chamado pra ele ir trabalhar na fábrica daqui de Rio Tinto, só que não era bem na fábrica, era num negócio chamado trole que eles carregava lenha. Eles carregava lenha pra queimar na fábrica, então ele trabalhava mais a noite e depois ele parou, botaram ele pra fora e começou a fazer vassoura, pescando e assim criando a gente. (Entrevista cedida em abril de 2024).

As memórias coletivas desse período sustentam o saudosismo presente em muitos relatos, especialmente porque, após o declínio da Companhia, o Estado não assumiu a gestão da cidade de maneira a fornecer condições similares de subsistência, saúde, educação e emprego. Isso acaba por contribuir na associação do período fabril a um momento de prosperidade para Rio Tinto.

Dona Rosa fala sobre esse momento com nostalgia

Na época que era deles eu morava em Taberaba, mas tudo se resolvia aqui (Rio Tinto). Era médico, na época a casa de saúde, não era casa de saúde, era o SAMDU³¹, que era ali em cima onde é hoje o INSS, que hoje não é mais. E muita coisa mudou né? Que hoje Rio Tinto ta, o que ta movimentando Rio Tinto é o pessoal da faculdade né que tá vindo de fora pra cá. Porque Rio Tinto hoje não tem mais um hospital, num temos mais uma delegacia que tinha antigamente (...), então hoje acabou, Rio Tinto pra o que era hoje ta acabado né? Ta destruído porque não tem nenhum benefício do que nós necessita aqui dentro de Rio Tinto num temos mais, mas na época tinha de tudo que você procurasse, se resolvia tudo aqui, mulher ganhava neném, quebrava uma perna engessava ali em Dr. Julio, internava, tudo! Hoje se você adoecer, quebrar uma perna, chega em Mamanguape, ou vai pra João Pessoa ou dá graças a deus se você voltar de lá.

Seu Maurício reforça dizendo que

Assim, ficou... Ficou faltando... Ficou muita gente desempregada, ficou faltando muita coisa assim, que era do parecer da gente naquele tempo né? Ficou faltando, ficou muita gente desempregada, gente novo, gente com 18, com 15, 17, que já tava empregado naquela época né? Aí sei que era, o desemprego ficou maior, ficou grande, aquele que

³¹ O SAMDU (Serviço de Assistência Médica Domiciliar e Urbana) foi criado em 1971 e atuou até 1986, com o objetivo de democratizar o acesso à saúde em comunidades marginalizadas, priorizando a saúde preventiva e a integração comunitária.

teve direito de se aposentar, se aposentou muita gente também naquele tempo pelo grupo Lundgren né? Porque tinha gente que tinha 25 anos de serviço, 29, 27, 26... E aqueles netos daquele povo ficaram tudo morando dentro de casa, cê entendeu? Aí o que acontece foi... A feira era muito maior, a feira diminuiu. Eu sei que quando o grupo Lundgren funcionava a feira era maior, a feira vinha muito carro de fora, caminhão carregado de laranja, de banana, tudo dos interior, num era comprada de atravessador não, sabe? Vinha da mão do agricultor mesmo. (Entrevista concedida em abril de 2024)

Além disso, a crítica se estende ao impacto econômico devastador. O desemprego crescente e o encolhimento da feira, antes vibrante, são sintomas de uma economia local que não se adaptou nem foi revitalizada. As palavras de Seu Maurício destacam como as gerações mais jovens, que deveriam estar ingressando no mercado de trabalho, se veem forçadas a enfrentar a falta de oportunidades. A situação atual de Rio Tinto não é apenas um reflexo de um ciclo econômico que se rompeu, mas também uma chamada à responsabilidade coletiva e governamental.

As memórias coletivas de Rio Tinto, ressoando em relatos nostálgicos como os de Dona Rosa e Seu Maurício, revelam uma crítica contundente à inação do Estado após o declínio da Companhia Lundgren. A promessa de prosperidade que antes permeava a cidade foi abruptamente desfeita, deixando os moradores à mercê de uma realidade deteriorada. A falta de serviços essenciais e o desemprego não é apenas uma questão de infraestrutura, mas reflete um abandono institucional que agrava a exclusão social. A nostalgia não é apenas um anseio pelo que foi; é também um lamento.

Essa pesquisa resultou na produção de um minidocumentário intitulado *A Correnteza das Memórias*³², aprovado pela Lei Paulo Gustavo de 2024, na cidade de Rio Tinto, onde obteve financiamento para sua realização. O documentário foi elaborado com base em entrevistas realizadas com os interlocutores mencionados, complementadas por imagens de acervos históricos. A combinação de teoria, imagem e trabalho de campo durante a pesquisa permitiu o resgate e a revitalização dessas memórias, que foram consolidadas no formato audiovisual.

³² O documentário está disponível no YouTube - [A Correnteza das Memórias - Curta Documentário - YouTube](#).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas entrevistas realizadas, emergiu um forte sentimento de saudosismo em relação à fábrica, o que me levou a reflexões profundas, considerando os aspectos questionáveis dessa nostalgia. O que levava essas pessoas a idealizar um tempo ligado à fábrica, mesmo diante dos diversos elementos negativos desse período? Ao longo das narrativas, identifiquei uma resposta comum entre todos os grupos pesquisados: com o declínio da Companhia de Tecidos Rio Tinto (CTRT), a cidade ficou desprovida de serviços essenciais como saúde, segurança, lazer e oportunidades de emprego. Essa realidade evidenciou a falta de uma ocupação estatal nos espaços institucionais que a fábrica anteriormente preenchia. A frase "a mão que bate, também acaricia" ressoava em meus pensamentos, pois, embora os entrevistados compartilhassem aspectos negativos desse tempo, a nostalgia permeava suas falas de forma sutil.

Mesmo diante das dificuldades, muitos recordavam o acesso a serviços básicos, como hospitais, e condições facilitadas de compra, como o crédito oferecido em locais como o barracão. Histórias como a de Dona Luz, que conseguiu pagar o velório e enterro de seu filho a prazo durante seu tempo na Companhia, ilustram como as relações construídas em torno da fábrica eram multifacetadas. A cidade, após o fechamento da CTRT, não apenas perdeu oportunidades de emprego, mas também viu muitos aposentados e seus familiares permanecerem, dependendo de uma renda limitada, enquanto outros eram forçados a buscar novas oportunidades em lugares distantes.

Houve ainda o caso de trabalhadores capacitados para funções específicas dentro da fábrica, que, com seu fechamento, se viram obrigados a mudar de cidade em busca de emprego. Um dos filhos de Dona Rosa compartilhou sua frustração ao não conseguir se mudar para o Rio de Janeiro devido à falta de recursos e conexões, tendo que aceitar trabalhos que não condiziam com sua formação.

O processo dessa pesquisa passou por várias fases. Iniciei essa jornada com um veemente posicionamento a respeito da atuação da Companhia de Tecidos Rio Tinto e provavelmente algumas partes desse texto demonstram isso. Entretanto, não foi o que encontrei no campo. Nas pessoas. Nas histórias. Não só isso. No início, foi como

se tudo, no final, fosse sobre ser bom ou ruim. Durante, percebi que tinham tantas faces como um cubo mágico, sendo ele inteiro como a cidade, cada cor um bairro, cada quadrado um perfil de histórias que se encontram em volta da CTRT. Não era sobre ter sido bom ou não, mas sobre o que, de fato, aconteceu. Quem aconteceu. Onde aconteceu. Como aconteceu. Porque para o pesquisador cabe ouvir histórias e encontrar fatos. Aqui em Rio Tinto, o fato foi uma cidade, uma fábrica de tecidos, seus trabalhadores e seus familiares. Compartilho, depois de viver tanto essa cidade e tanto com seus moradores, sobre o período pós CTRT, com um dos interlocutores, Carlinhos, o mesmo pensamento quando ele diz que

Vamo dizer assim, se tivesse desprivatizado a cidade, Rio Tinto seria um polo de alguma coisa, entendeu? Porque aqui tem potencialidade. Aqui é um acervo de jogadores, é um acervo de pescadores, de artistas, de cantores, compositores, olhe, aqui tem tudo e muito mais. Só precisamos de uma chance. (Entrevista cedida em abril de 2024)

Depois de entender isso, essa dicotomia esvaiu e deu espaço a algumas categorias que demonstraram impacto em diversos grupos de diferentes formas e entender como a dinâmica estabelecida pelo grupo detentor do poder funcionava para cada um é o caminho possível para observar e encontrar soluções para os impactos sociais, étnicos, territoriais e ecológicos pois estes também são fatos, são também faces da atuação da fábrica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 138 p.
- ARAUJO, Marianna de Queiroz. **Ecologia doméstica e transação de conhecimento entre grupos domésticos potiguara na aldeia Jaraguá de Monte-Mór, PB**. Dissertação de mestrado. UFPB, João Pessoa, 2017.
- BENEDICT, Ruth. 1934. **Patterns of Culture**. Boston, Houghton Mifflin Company.
- BERNARDO, Teresinha. **Memória em branco e negro: olhares sobre São Paulo**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2007.
- CARDOSO, T. M.; GUIMARÃES, G. C. (Orgs.). **Etnomapeamento dos Potiguara da Paraíba**. Brasília: FUNAI/CGMT/CGETNO/CGGAM, 2012. (Série Experiências Indígenas, n. 2).
- DAMÁSIO, Ana Clara Sousa. **Etnografia em Casa: entre parentes e aproximações**. Pós - Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 1-32, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapos/article/view/31646>. Acesso em: 18 ago. 2024.
- DANTAS, Anna Aline Roque Santana. **Rio Tinto, Impacto do declínio econômico na organização espacial**. 2009. 114 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.
- DESLOCAMENTOS, TEMPORALIDADES E NARRATIVAS NOS JOGOS DA MEMÓRIA**. Magni, C; Aderaldo, G; Lamas, G. Rieth, F. Petrópolis: Antrópolis, nov. 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5OpJBOf8YUj9sqJJ3DIWT5?si=6da8c2b9bd124587> . Acesso em: 24 de outubro de 2023.
- GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, ANPOCS, v. 1, p. 223-244, 1984.
- GOODY, Jack. **The Interface between the Written and the Oral**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.
- HANNERS, Ulf. **Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras chave da antropologia transnacional**. *Mana*, 3 (1), 1997.
- FABRE, D. Introduction: habiter les monuments. In: FABRE, D.; IUSO, A. **Les monuments sont habités**. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 2009. p. 17-54
- FERNANDES, João Batista. **O pai do vento**. Santa Rita: Copyright, 2000.
- LEACH, Edmund R. 1960. **"The Frontiers of 'Burma'"**. *Comparative Studies in Society and History*, 3:49-68
- MARTINS, L. M. **Afrografias da Memória**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997
- MUNIZ, José Muniz Falcão Neto. **Imagens e memórias: o cinema no Vale do Mamanguape-PB**. Rio Tinto: Universidade Federal da Paraíba, 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Antropologia). Disponível em:

<https://vimeo.com/225632493?msockid=2725e734541e6d2d1a50f496550a6cdd>.

Acesso em: 1 dez. 2024.

OLIVEIRA, R. C. O. **Os (des)caminhos da identidade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 7-21, 2000.

PACHECO DE OLIVEIRA, J. Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação Colonial, territorialização e fluxos culturais. In: **A Viagem de Volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena**. Rio de Janeiro: 2ª ed. Contra Capa Livraria / LACED. p. 13- 42, 2004.

PALITOT, Estevão. **A TERRITORIALIDADE DOS POTIGUARA DE MONTE-MÓR: REGIMES DE MEMÓRIA, COSMOLOGIA E TRADIÇÕES DE CONHECIMENTO**. Revista Mundaú: Maceió. 2020.

PALITOT, Estevão. **OS POTIGUARA DE MONTE-MÓR E A CIDADE DE RIO TINTO: A MOBILIZAÇÃO INDÍGENA COMO REESCRITA DA HISTÓRIA**. REIA, PE, v. 2, p. 1-25. 2017.

PANET, A. et al. **Rio Tinto - Estrutura urbana, Trabalho e Cotidiano**. João Pessoa: UNIPÊ, 2002.

PERES, Sidnei Clemente. **A identificação da T.I. Potiguara de Monte-Mor e as consequências (im)previstas do Decreto 1775/96**. Revista de Estudos em Relações Interétnicas | Interethnica, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 24–39, 2014. DOI: 10.26512/interethnica.v6i2.12337. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/interethnica/article/view/12337>. Acesso em: 28 set. 2024.

PESTANA, Marlon. **MATERIALIDADE CULTURAL DE MONUMENTOS HISTÓRICOS VERSUS ESCULTURAS MEMORIAIS: OS CASOS DE SANTOS/SP E CÁCERES/MT**. Rio Grande: Historiæ, v. 4, n. 2, 2013.

PICOLI, Bruno. **História e fotografia: algumas considerações**. Visão Global, Joaçaba, Edição Especial 2012, p. 73-84.

PINTO, Paulo. **ETNICIDADE E O CONCEITO DE CULTURA**. ANTROPOLÍTICA: Niterói, n. 19, p.15-30, 2. sem. 2005

POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. In: **Estudos Históricos**, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

_____. “Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.

PRADO JÚNIOR, C. **A revolução brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1966.

SOARES, Antônio. **IMAGENS DO FUTEBOL COMO LAZER EM RIO TINTO: A PELADA DO ZÉ OPALA**. Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa. 2013.

VASSALO, Simone; CICALO, André. **POR ONDE OS AFRICANOS CHEGARAM: O CAIS DO VALONGO E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA MEMÓRIA DO TRÁFICO NEGREIRO NA REGIÃO PORTUÁRIA DO RIO DE JANEIRO**. Horizontes Antropológicos: Porto Alegre, ano 21, n. 43, p. 239-271, jan./jun. 2015.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 1 – 13.

WILK, Richard. **Households in process: agricultural change and domestic transformation among the Kekchi Maya of Belize**. In: R. McC. Netting; R.R. Wilk; E. J.

Arnold (editors), *Households. Comparative and Historical studies of the domestic group*. Berkeley: University of California Press. 1984.

WOLF, F. **Peasants. Nova Jersey**: Foundations of Modern Anthropology Series, Prentice-Hall, 1966. (Ed. Brasileira: *Sociedades camponesas*, Rio de Janeiro: Zahar, 1970.)